Revista Sarau

Volume 5 . Número 3 - Edição Especial - Agosto de 2025

RAUL SEIXAS

80 ANOS

ISSN: 2965-6192

AUDIODESCRIÇÃO EDIÇÃO ESPECIAL – AGOSTO DE 2025
Descrição da imagem: capa com fundo na cor preta. Na parte superior, em letras grandes e brancas, “Revista Sarau”; abaixo, em letras pequenas e brancas, “Volume 5 – Número 3 – Edição Especial – Agosto de 2025”. Ao centro e em destaque, o cantor e compositor Raul Seixas. A foto em preto e branco de Raul, rosto expressivo com um olhar para cima. Homem branco, cabelos cacheados e pretos, olhos escuros, bigode e barba por fazer, que reforçava sua imagem de “Maluco Beleza”. Na parte inferior, à esquerda, em letras na cor verde-claro, “RAUL SEIXAS”; em letras brancas, “80 ANOS”. À direita, no rodapé, “ISSN 2965-6192” e o código de barras.

Expediente

Volume 5 – número 3 – Edição Especial - Agosto de 2025
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITORES:

Nonato Nogueira
Débora Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)
Afrânio Câmara (UERN)
Luciana Bessa (UFCA)
Gerson Augusto Jr. (UECE)
Carlos Gildemar Pontes (UFCG)
Elaine Meireles (Editorial)
Ivan Melo

CAPA:
Reprodução da foto de Raul Seixas

AUDIODESCRIÇÃO: Ana Paula Marques

CONTATO:
revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS
Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores.Todos os direitos reservados.
Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
● Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

Sumário

04 EDITORIAL

05 RAUL SANTOS SEIXAS
Nonato Nogueira

08 A REBELIÃO CONTRACULTURAL: SERES MUTANTES ABREM O PORTAL DA SOCIEDADE ALTERNATIVA
Luiz Lima

14 OITENTA SÓIS NA ESTRADA DO MALUCO BELEZA
Evandro Meneses

15 RAUL SEIXAS: O MALUCO BELEZA DO ROCK BRASILEIRO
Élcio Cavalcante

17 CARTA DE FÃ
José Cândido

18 RAUL SEIXAS NÃO MORREU
Isaac Soares de Souza

20 MOSAICO

31 METAMORFOSE AMBULANTE DE RAUL SEIXAS
Ana Paula Marques

EDITORIAL

A leitura traz conhecimento e, consequentemente, um crescimento cultural. Não podemos esquecer que Raul Seixas, além de cantor e compositor, era também um grande poeta e pensador da realidade brasileira.

Assim, Raul Seixas tem uma importância enorme para a música brasileira, porque, desde sempre, é considerado o pai do rock brasileiro. Além de grande compositor, poeta e pensador, Raul Seixas desenvolveu vários estilos musicais, compôs não só para ele mesmo gravar, como também para vários artistas da Jovem Guarda e para aqueles considerados românticos à época.

Na verdade, Raul tem uma importância enorme, histórica, filosófica e sociologicamente falando. Ele é um dos grandes fenômenos da música brasileira. Todo e qualquer artista, seja ele cantor, cantora ou banda, todos estão rememorando as músicas atemporais do nosso ícone do rock brasileiro.

Por essas e outras razões, a Revista Sarau presta uma homenagem aos 80 anos do Maluco Beleza.

Tenha uma excelente leitura!
Abraços,
Nonato Nogueira.

RAUL SANTOS SEIXAS

Foto: Divulgação

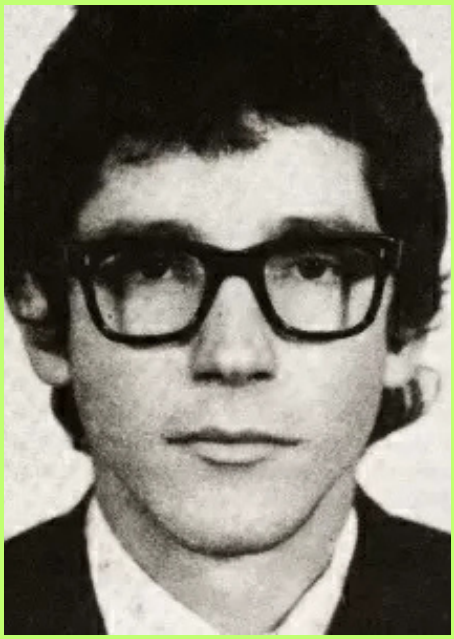


Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Numa bela manhã de sol, na Cidade de Salvador por volta das 8 horas do dia 28 de junho de 1945, nasceu Raul Santos Seixas.
Nunca foi santo, mas nasceu no dia de Santo Argemiro, um mártir da Igreja Católica. Por sinal o menino nasceu no seio de uma família católica.

O moleque maravilhoso nasceu numa quinta-feira de sol na Avenida 7 de Setembro, número 108, no bairro de Rosário.

Seus pais Maria Eugênia Santos Seixas e Raul Varella Seixas, registraram o pequeno no dia 7 de julho de 1945 no Cartório de Registro Civil de Salvador. O batismo, por sua vez aconteceu na Igreja Matriz de Boa Viagem no dia 16 de setembro do mesmo ano.

O menino travesso um dia decidiu guardar seu cachorrinho de pano para compartilhar com seu irmão mais novo que estava por nascer. Plinio Seixas nasceu no 4 de dezembro de 1948.

Quando Raul completou 6 anos, já alfabetizado começou então a expressar seus questionamentos sobre o mundo. Certo dia, o menino pegou um foguete e começou a viajar pelo universo dos livros. Primeiro se encontrou no “Tesouro da Juventude” e ficou maravilhado depois da leitura de todos os volumes dessa Enciclopédia. Ao completar 10 anos leu o livro dos “Por quês” e começou a escrever histórias fantásticas e a produzir gibis que vendia para o irmão caçula.

Foi na biblioteca do pai que Raul e Plinio construíram juntos muitas aventuras e com seu Plunct Plact Zum partiram sem nenhum problema e fizeram uma boa viagem no mundo da leitura. Os pais de Raul gostavam muito de música. Ouviam Luiz Gonzaga, Dorival Caymmi, Emilinha Borba e sucessos do carnaval. O espirito musical levou-os a presentear o filho com um violão, na época o menino tinha nove anos de idade. Raul no início não ligou muito para o instrumento. Quando aprendeu as primeiras notas musicais nunca mais deixou de tocar e cantar.

Raul Seixas que um dia já foi criança e dançou ciranda. De repente cresceu. Com 11 anos de idade, o garoto já desconfiava da
verdade absoluta.

Na adolescência adorava ir à loja cantinho da música para ouvir um bom Rock And Roll. Fez amizade com os garotos que eram filhos dos funcionários do Consulado Americano e com eles passou a ter acesso a obra de Elvis Presley, Chuck Berry, Fats Domino e Little Richard.

A sua paixão por Elvis era tão intensa, que certa vez escreveu uma carta para o ídolo. Raul ficou maravilhado com a resposta que obteve de Tom Parker, empresário do cantor. Em 1959, junto com Waldir Serrão e outros amigos, decide fundar na Bahia, um Fã Club para o Elvis Presley, o primeiro do Brasil.

Em 1962, Raul reuniu os irmãos Délcio e Thildo Gama e juntos fundam a banda Os Relâmpagos do Rock. Dois anos depois a banda já com uma nova formação passou a se chamar The Panters.

Empolgado com o Rock, Raul, abandonou os estudos e passou a se dedicar totalmente a música. A banda foi rebatizada de Raulzito e os Panteras, com a formação definitiva de Raul, Mariano Lanat, Eládio Gilbraz e Carleba.

Quando Raul Seixas começou a namorar Edith Wisner em 1967, viu nela a rima perfeita. E assim os dois viraram de repente uma palavra só, igual a um nó que nunca se desfaz. Sua paixão era tão intensa, que decidiu voltar a estudar. Passou no vestibular e deixou a música de lado. Os dois então se casaram.

Mas a promessa de deixar a música de lado, durou pouco. Raul conheceu então Jerry Adriani, ídolo da Jovem Guarda. A convite do novo amigo, Raul e os Panteras partiram para o Rio de Janeiro, com o objetivo de realizar um velho sonho: gravar um disco. Edith seguiu o marido para as Aventuras de Raul Seixas na Cidade Maravilhosa. O disco de Raulzito e os Panteras foi um fracasso. Abalado psicologicamente, Raulzito reuniu a família e voltou para Salvador, depois de ter passado fome na Cidade Maravilhosa.

Em 1970, Raul Seixas foi apresentado pelo amigo Jerry Adriani, a Evandro Ribeiro, diretor da CBS, que ficou admirado com a inteligência do rapaz, convidando-o para ser produtor de discos na gravadora.

Raul Seixas aceitou o convite, reuniu a família e novamente seguiu viagem para o Rio de Janeiro. Agora, era apenas um latino americano que havia passado por Elvis Presley, tinha imitado até Mr. Bob Dylan e já estava cansado de ver o Sol se pôr. Ao invés de ser cantor, seria apenas compositor e produtor de discos.

Em 1971, Raul Seixas deu uma de cowboy fora da lei. Aproveitando que o diretor da CBS estava viajando, reuniu Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star e juntos gravaram o LP “Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das Dez”. O disco não fez sucesso e acabou sumindo das lojas. Raul Seixas foi demitido da gravadora.

Deu a volta por cima e com seu rock antigo e o baião do velho Luiz Gonzaga, Raul Seixas inscreveu duas músicas no VII Festival Internacional da Canção realizado em 1972 pela Rede Globo. Teve suas músicas classificadas e seu primeiro contrato assinado com a gravadora Philips. Raul Seixas lançou um compacto com a obra prima “Ouro de Tolo”, acabando por garantir assim a gravação de seu primeiro LP solo e da fama de pai do Rock brasileiro.

O primeiro álbum de Raul Seixas intitulado Krig-ha, Bandolo!, lançado pela Philips em 1973, acabou sendo considerado pela crítica como sendo um dos melhores trabalhos do cantor e compositor baiano. Nessa época a parceria com Paulo Coelho contribuiu de forma significativa para o seu sucesso. Raul participou de vários shows, onde passou a divulgar um gibi-manifesto propondo a Sociedade Alternativa.

A ideia de uma Sociedade Alternativa não agradou muito. Os militares que estavam no poder convidaram Raul Seixas e Paulo Coelho a saírem do país. Contudo, o sucesso do segundo álbum Gita, lançado em 1974, garantiu o retorno de Raul Seixas ao Brasil.

O moço que vivia procurando disco voador, acabou traindo o amor de Edith. Ela depois de abandonada por Raul, decidiu voltar com a pequena filha Simone para os Estados Unidos.

Em fevereiro de 1974 Raul conheceu a americana Glória Vaquer, irmã de seu guitarrista Jay Vaquer. Depois do primeiro encontro, Raul e Glória decidiram viajar para os Estados Unidos. Numa noite de luar os dois se casaram e saíram em lua de mel num Cadillac cor-de-rosa, ano 1957, atravessando impunemente o país.

Em 1975, já casado com Glória, Raul Seixas lançou o álbum “Novo Aeon”, que foi todo alicerçado no livro da lei, de Aleister Crowley. No ano seguinte fez sucesso com o álbum “Eu nasci há dez mil anos atrás”. Em junho do mesmo ano nasceu Scarlet Seixas, a segunda filha do cantor. E o parceiro que curtia discos voadores, seguiu outro caminho e tornou-se o mago Paulo Coelho.

Certo dia lembrou do filme “O dia em que a terra parou” e resolveu utilizar o título do filme no seu novo álbum lançado no ano de 1977. Nessa época, Raul estava em uma nova gravadora, a recém-fundada WEA. Apesar da gravadora nova e de dividir as composições com o velho amigo Cláudio Roberto, Raul Seixas atravessou o período mais obscuro de sua carreira. Sua vida pessoal não ia bem, pois seu casamento com Glória Vaquer chegara ao fim. Conheceu Tânia Menna Barreto com quem passou a dividir sua vida pessoal e profissional.

O estado de saúde de Raul Seixas necessitava de cuidados. O consumo exagerado de bebida havia provocado profundas crises de pancreatite e para recuperar-se passou alguns meses na fazenda dos pais em Dias D’Avila, no interior da Bahia. Em 1978 retornou ao estúdio e gravou o álbum “Mata Virgem” pela WEA. Arriscou a parceria musical com Paulo Coelho, onde nasceu “Judas”. Nesse disco também o amigo Cláudio Roberto e sua nova esposa Tânia Menna Barreto dividiram as parcerias.

No ano seguinte ainda na WEA lançou um novo álbum “Por quem os sinos dobram”. Apesar da participação de Sérgio Dias em algumas faixas do disco dedilhando sua guitarra e da parceria com Oscar Rasmussen, com quem dividiu todas as canções, o disco acabou sendo um fracasso. Raul acabou se desentendendo com os produtores da gravadora e rescindiu seu contrato com a mesma. Começou aí a reputação de “artista difícil” entre os executivos das gravadoras. Também sua vida amorosa não ia bem e acabou separando- se de Tânia Menna Barreto. Raul saiu da gravadora e levou junto sua secretária de imprensa Ângela Maria Affonso Costa (Kika Seixas), com quem passou a morar no bairro do Broonklin, em São Paulo. Os dois ficaram juntos até 1984.

Logo assinou contrato com a conhecida CBS e em 1980 lançou o álbum “Abre-te Sésamo”. Um disco recheado de obras primas: a censurada “Rock das Aranhas” e a música ferina “Abre-te Sésamo” que dava título ao LP, uma crítica contundente ao panorama político da abertura política, pós Ditadura Militar. Raul demonstrava querer testar os limites da chamada abertura política e com a música “Aluga-se” propunha aos governantes da época alugar o Brasil para os gringos. Sua relação com a CBS não foi não foi amistosa e acabou rescindindo contrato.

Sem gravadora, Raul atirou-se de cabeça no álcool, o que acabou provocando o cancelamento de shows e o agravamento das crises de hepatite. Em meio a tanta decepção, uma coisa veio iluminar seus caminhos sombrios. Em 1981 nasceu Vivian, sua terceira filha.

Para felicidade do Maluco Beleza, o jovem fã Sylvio Passos funda no ano de 1981, o Raul Rock Club, aquele que acabaria por se tornar o maior Fã Club oficial de Raul Seixas no Brasil.

Sem gravadora e com shows cancelados, Raul Seixas se sentia como um latino-americano, sem cheiro e sem sabor. Nessa época a bebida era companheira inseparável. Em 1982, ao se apresentar alcoolizado na cidade de Caieiras, Região Metropolitana de São Paulo, Raul Seixas foi confundido com um impostor dele mesmo. Sendo preso e espancado pelo delegado da cidade. O fato acabou ganhando repercussão na mídia de todo o país.

Dois anos sem gravadora, Raul Seixas assina em 1983 contrato com a Eldorado e lança o álbum “Raul Seixas”. Um disco no qual divide as parcerias das composições com sua esposa Kika Seixas, com o amigo Cláudio Roberto e com seu pai Raul Varella Seixas. Uma das faixas mais executadas do disco foi “Carimbador Maluco”, grande sucesso da época, que acabou virando tema de uma especial infantil da Rede Globo, intitulado “Plunct, Plact-Zum”.

Em 1984 assina contrato com a Som Livre, onde lança em junho de 1984 o álbum “Metrô Linha 743”. Um disco acústico, uma beleza que não teve a divulgação merecida. Raul chateado com a gravadora, acabou se deligando da mesma. Novamente sem gravadora, Raul via seu casamento chegar ao fim. Após separa-se de Kika, decidiu ir passar um tempo em Salvador para cuidar da saúde. Depois de uns meses retorna a São Paulo, acompanhado de Lena Coutinho, sua nova companheira.

Novamente sem gravadora, Raul viu as portas do mundo artístico se fecharem. O ano de 1985 foi difícil para o Maluco Beleza. Para surpresa, o Fã Club Oficial – Raul Rock Club lança o álbum “Let me sing my rock and roll”, uma produção independente com uma tiragem de mil cópias.

Finalmente assina contrato com a gravadora Copacabana em 1986. Mas por problemas de saúde, somente no ano seguinte é que consegue lançar o disco que traz o grito de guerra do rock’n’roll “Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Bém-Bum!”. Uma das faixas desse disco lançado em 1987 faz um sucesso estrondoso na época, trata-se da famosa “Cowboy fora da lei”.

O velho canceriano sem lar em 1988 lança pela gravadora Copacabana seu último disco solo intitulado “A Pedra de Gênesis”. Depois que viu a Senhora Dona Persona, Raul Seixas decidiu não mais andar na contramão.

Em 1989, Raul já separado de Lena Coutinho, depois de um check-up o cowboy fora da lei montou no seu cavalo alado e ao lado de um novo parceiro musical, decidiu fazer aquilo que o diabo gosta que é cantar. Ao lado de Marcelo Nova viajou pelo país, fazendo shows. Dessa parceria nasceu o lendário álbum “A Panela do Diabo”, lançado pela gravadora WEA dois dias antes de seu falecimento.

Na manhã do dia 21 de agosto de 1989, depois de declamar o canto para sua morte, Raul Seixas partiu para desvendar os segredos do universo. Foi ao encontro do Carpinteiro do Universo.

Raul Reixas e Marcelo Nova. Foto: Divulgação

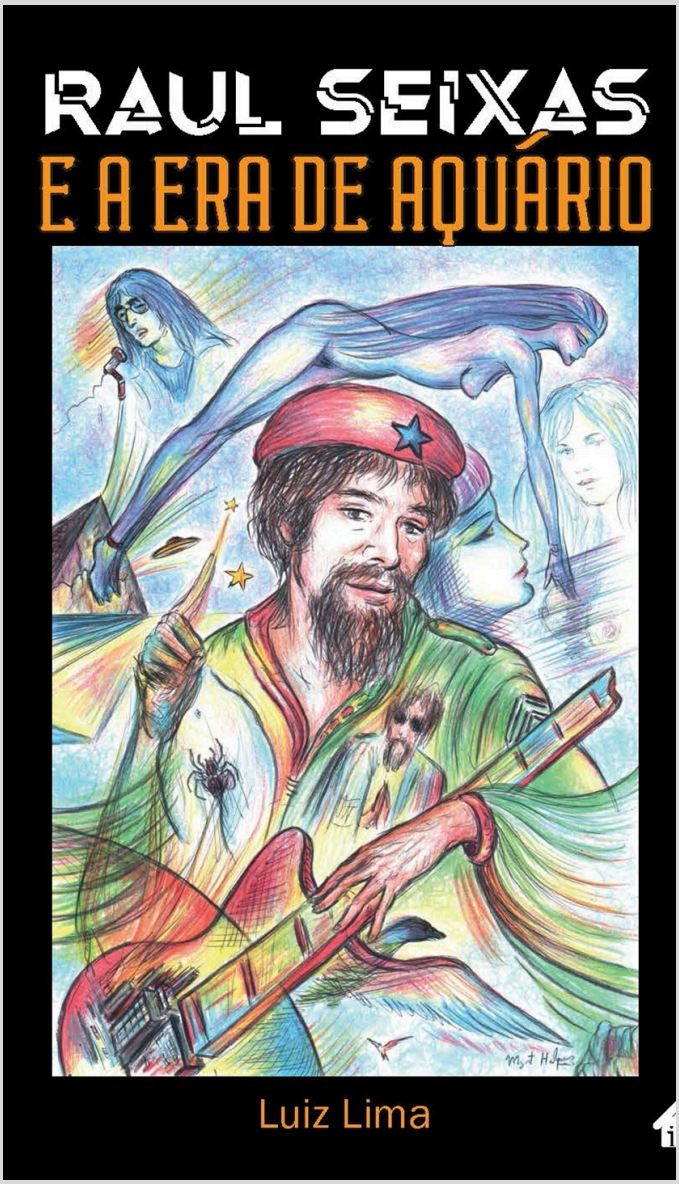
NONATO NOGUEIRA - É natural de Fortaleza–CE. É professor de História, Filosofia e Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos A solidão de Nietzsche, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023 e O homem que morava dentro de si, produção independente (2024). Editor da Revista Sarau Eletrônica (ISSN 2965-6192). Contato: (85) 98879.4891 - Instagram: @nonatonogueira45

A REBELIÃO CONTRACULTURAL:

SERES MUTANTES ABREM O PORTAL DA SOCIEDADE ALTERNATIVA

Luiz Lima

O anarquismo, Bruxo, o nosso, provém de uma energia antropológica... A que produz as mutações culturais e comportamentais humanas".
(Do romance Coiote, de Roberto Freire).



Esta frase consta na música "As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor", do DISCO Gita, que o roqueiro baiano gravou pela PHILIPS em 1974.

Muito se fala sobre o que foi toda aquela movimentação que teve como ponto de partida a rebelião poética dos escritores da geração beat, que se iniciou no final da década de 1940 e se expandiu nos anos 50, e foi desaguar na Contracultura jovem dos anos 1960 e na busca por novos rumos nos anos 70 após a morte prematura de alguns dos seus principais expoentes: Jim Morrison, Janis Joplin e Jimi Hendrix. O começo dos anos 1970 também foi marcado pela dissolução dos Beatles, com o anúncio de que "o sonho acabou", a famosa frase dita por John Lennon. Damos o nome de Contracultura ao conjunto dos movimentos de rebelião juvenil que não aceitam a cultura oficial do sistema e que engloba tendências bem diversas como o rock de protesto, o movimento hippie, a poesia marginal, os punks, o rap e o reggae. A Contracultura que ganhou força nos anos 60 e que buscou novos rumos nos anos 70, após o fim do sonho hippie e a irrupção de um clima de baixo astral gerado pela crise provocada pelos fatos já descritos. A contracultura buscou uma redefinição de caminhos para toda a humanidade, assim como a derrubada radical de todas as verdades absolutas das "diversas religiões, filosofias, políticas e lutas"[1], para se criar uma Sociedade Alternativa à sociedade oficial do sistema capitalista:

"Nos EUA, as contradições da guerra do Vietnã davam lugar a um forte movimento de resistência pacifista. A deserção e a desobediência civil assumiam dimensões de radical atitude política. Surgia uma Nova Esquerda valorizando o domínio da problemática pessoal ou de lutas tidas como secundárias – a liberação sexual, a luta dos negros, das mulheres, as reivindicações minoritárias. O movimento hippie fervilhava, provocando a sisudez ocidental, inconformada diante da "sujeira" e da "promiscuidade" dos jovens de cabelos crescidos que faziam do erotismo, da sensualidade e da liberdade comportamental suas armas para combater a violência do way-of-life industrializado. O uso da droga como busca de uma nova sensibilidade, o amor livre, a preferência pela expressão artística em detrimento do discurso político, assumiam um sentido "contracultural" que empolgava toda uma geração não só nos EUA mas em diversos países do Ocidente. Bob Dylan, Allen Ginsberg, Black Panthers... novos símbolos e formas culturais tomavam corpo, expressando aquilo que Herbert Marcuse, filósofo de cabeceira da intelligentsia, chamou de a Grande Recusa."

Conferir a obra de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, Cultura e Participação nos Anos 60, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, p. 69

Descendo com a nossa espaçonave no Brasil, é preciso salientar que as versões da Contracultura que por aqui se manifestaram formaram-se em um contexto específico do nosso país. A década de 1960 havia se iniciado com "um grande projeto coletivo pela emancipação nacional, pelo menos no plano do espírito, e se isso não fosse de todo também possível, nos planos mais concretos, o econômico, o social[1]".

1 Conferir Luiz Carlos Maciel, Anos 60, Porto Alegre, L&PM, 1987, p. 11.

Em relação a este tema, convém citar a fala do Prof. Dr. Marco Antônio Guerra:

"Para melhor entendermos a Cultura Brasileira na década de 70 deveríamos nos reportar à década de 60, visto que muitos processos culturais desenvolvidos durante o governo militar têm suas origens ou são consequências do período anterior.
O Brasil pré-64 é, antes de mais nada, um país eufórico. Eufórico com as possibilidades de mudança geradas no pós-guerra com a implantação popular no cenário político – nos primeiros anos da década demonstra que talvez em poucos momentos da história brasileira as chamadas "forças progressistas" tivessem se visto tão próximas do poder político[1]".

1 Conferir o texto do Prof. Dr. Marco Antonio Guerra, "Cultura Brasileira na Década de 70: A Apologia da Metáfora", p. 76. No final deste trecho, ele cita a fala de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, op. cit., p. 11.

Tal expectativa positiva se adequava à ideia de que a História caminharia para a frente, tão cara aos marxistas do período. Mas esta visão linear quebrou-se de maneira dramática devido a um fato até então impensável, o golpe civil e militar da extrema-direita em 1964. Tal desilusão com essa guinada abrupta da História para trás foi reforçada pelo endurecimento da ditadura com o Ato Institucional nº 5, o AI-5 de 13 de dezembro de 1968, o golpe final que matou os sonhos de boa parte de toda uma geração da juventude brasileira. Eu me lembro de uma conversa que tive com o saudoso ator e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa depois que eu assisti à peça As Bacantes, no Teatro Oficina: eu fiz uma pergunta que o irritou. Perguntei a ele: "Zé Celso, o que você tem a dizer sobre os anos 60?" Ele me respondeu: "a única coisa que tenho a dizer é que eles, os militares, torturaram, assassinaram e castraram toda uma geração. Fora isso, não tenho nada a falar sobre os anos 60". Com essa fala de quem viveu as agruras daquele momento histórico, ele quebrou toda a visão romântica que muitos têm sobre este período.

A repressão tecnocrática da ditadura, por outro lado, compôs para si uma ideologia ultraconservadora que plasmou os valores mais arcaicos já presentes no imaginário obscuro de parte significativa da sociedade brasileira:

"Depois de 64 (...) ressurgem as velhas fórmulas rituais, anteriores ao populismo, em que os setores marginalizados e mais antiquados da burguesia escondem a sua falta de contato com o que se passa no mundo: a célula da nação é a família, o Brasil é altivo, nossas tradições cristãs, frases que não refletem realidade alguma, embora sirvam de passe-partout para a afetividade e de caução policial- ideológica a quem fala. À sua maneira, a contrarrevolução repetia o que havia feito boa parte da mais reputada poesia brasileira deste século; ressuscitou o cortejo dos preteridos do capital[1]".

1 Conferir Roberto Schwarz, "Cultura e Política, 1964-1969", in: O Pai de Família e Outros Estudos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978 (Coleção Literatura e Teoria Literária), p. 71.

Qualquer semelhança com elementos das narrativas "atuais" da extrema-direita, evocando o slogan integralista "Deus, Pátria e Família", da década de 1930 – também utilizado pela ditadura fascista de Salazar em Portugal, não é mera coincidência. No caso brasileiro, portanto, a "realidade objetiva" contra a qual se indispôs a revolta da juventude contracultural era o autoritarismo aberto e implacável do regime militar com a sua ideologia forjada em arcaísmos. Este fator foi determinante na formação de uma Contracultura em terras brasileiras:

Não podíamos conceber uma coisa dessas, mas aconteceu em 64. E quando aconteceu, pensou-se que aquilo fosse um acidente de percurso. Aquilo era uma coisa que tinha acontecido fora da marcha natural da história porque o nosso pensamento de esquerda, que era baseado em Marx, naturalmente, ele dependia de se acreditar que a história tinha um sentido. E 64 vinha desmentir esse sentido". (E 1968) "para a minha geração, foi um momento de perda da ilusão, foi uma desilusão revolucionária muito profunda que não tinha acontecido em 64". Foi então que "a ideia hippie de formar uma sociedade alternativa, de viver à parte da sociedade de gente institucionalizada e com os seus próprios valores, surgiu da própria impossibilidade de se integrar nessa sociedade vigente. Ela de uma certa forma expulsou os seus membros mais jovens. E esses membros mais jovens, também desiludidos e chocados com seu fracasso de entender a realidade, descobriram que havia uma experiência individual, subjetiva, particular que os permitia ver a realidade de uma outra maneira. Uma maneira (...) em que as coisas se explicavam de um modo mais imediato. E essa maneira se tornava possível pela ingestão de drogas alucinógenas", ou seja: do LSD[1]".

1 Conferir Luiz Carlos Maciel no debate "Existe uma ideologia de Contracultura?", in: Revista Temporaes Especial nº 2 – Em Torno da Contracultura, São Paulo, Depto. de História da FFLCH/USP, agosto/1996, pp. 57-58.

A fala de Maciel é um sintoma evidente de que:

"As ambiguidades da experiência social de um expressivo setor da juventude que se havia colocado o empreendimento de uma revolução popular no Brasil faziam-se mais sensíveis com o malogro político de 64. O intelectual que se acreditara porta-voz, no campo da cultura. de um movimento social que nos levaria a libertação das amarras responsáveis pelo subdesenvolvimento, experimenta profundamente os conflitos de sua opção[1]".

1 Conferir Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, op. cit., pp. 44-45.

Segundo a Profa. Dra. Sônia Regina Guerra:

"Uma das manifestações mais importantes dessa mudança foi a atitude tropicalista que, recusando o discurso da esquerda, não faz uma opção política contrária a essa: prefere não ter qualquer preocupação em enquadrar-se em nenhuma tendência política, optando por criticar violentamente qualquer tipo de autoritarismo, venha de onde vier. Sua descrença é em relação à ideia da tomada de poder e à ideia de que alguma revolução possa trazer um futuro promissor. Sua preocupação é com o momento presente, com a necessidade de revolucionar o comportamento, de "agitar" o corpo e romper a inflexibilidade da atitude política "bem comportada" e reprimida.

Tal atitude arrancou críticas da direita e da esquerda por seu caráter inovador e insolente. A acusação principal da esquerda ortodoxa contra a Tropicália é o caráter anarquista e importado mas a verdade é que os tropicalistas romperam com a hegemonia da "Frente", deixando de endossar a ideia da arte a serviço da revolução, e deixando de lado os temas nacionalistas das músicas de protesto para ligarem-se a pesquisas formais e de conteúdo, conectados com o que se fazia em outras partes do mundo. Esse "internacionalismo" da Tropicália foi entendido pela esquerda como algo importado (como o uso das guitarras elétricas) e caótico (não era possível enquadrar a Tropicália em nenhuma das tendências da esquerda do momento) e muitas vezes tachada como uma arte "da direita".

Na verdade a Tropicália, não só na música como no teatro, foi buscar nas raízes da modernidade de 22 e no Antropofagismo de Oswald de Andrade os elementos nacionais que a compunham[3]".

3 Conferir "A Prova de Fogo", texto da Profa. Dra. Sônia Regina Guerra, Capítulo III de sua tese Geração de 69 no Teatro Brasileiro – Mudança dos Ventos, pp. 143-144. A tese se encontra na Biblioteca da ECA. Foi orientada por Maria Aparecida Baccega e Timochenco Wehbi e defendida em 30/08/1988 na ECA/USP.

Como se vê, apesar de certos elementos de ruptura, a Tropicália buscava uma relação de continuidade:

"Os tropicalistas retomam a linha evolutiva do modernismo, mas de olho nas informações novas da contracultura, do uso dos meios de comunicação de massa, e do avanço técnico da música internacional".

O desejo da retomada da linha evolutiva da música popular brasileira também vai aparecer nas entrevistas concedidas por Caetano Veloso à RevistaCivilização Brasileira em 1966:

"Só a retomada da linha evolutiva pode nos dar uma organicidade para selecionar e ter um julgamento de criação. Dizer que samba só se faz com frigideira, tamborim e um violão sem sétimas e nonas não resolve o problema. (...) Aliás, João Gilberto para mim é exatamente o momento em que isto aconteceu: a criação, na renovação, no dar um passo à frente da música popular brasileira. Creio mesmo que a retomada da tradição da música popular brasileira deverá ser feita na medida em que João Gilberto fez. Apesar de artistas como Edu Lobo, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Maria da Graça (que pouca gente conhece) sugerirem esta retomada, em nenhum deles ela chega a ser inteira, integral[1]".

1 Conferir Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, op. cit., pp. 54-55.

Como movimento, a Tropicália, ou Tropicalismo, durou pouco, mas teve a sua importância para a abertura de caminhos a novas possibilidades dentro do cenário artístico nacional:

"Caetano Veloso e Gilberto Gil, principais mentores do movimento, acabaram presos e expulsos do país pela ditadura militar, radicalizada a partir do Ato Institucional nº 5, de (13 de) dezembro de 1968. Mesmo abatida em pleno vôo, a Tropicália, da musa/estandarte Gal Costa, "organizou o movimento/reorientou o carnaval", como pregava a letra de sua canção-tema. Em pouco mais de um ano de duração, entre outubro de 1967 e o dezembro fatídico (de 1968), ela injetou atitude num cenário ainda formalista herdado dos crooners de smookings e longos.

Abriu espaço à explosão fragmentada da poesia de autores como Torquato Neto e José Carlos Capinan e ao experimentalismo militante de Tom Zé, Macalé e Waly Salomão. Aboliu a restrição ao instrumental eletro/eletrônico: depois das guitarras (dos Mutantes, de Lanny Gordin) que enfrentaram até passeatas, os teclados sintetizados (antecipados pelo uso do Theremin) passaram na alfândega cultural do país sem maiores problemas[1]".

1 Conferir a apresentação elaborada por Tárik de Souza à obra de Carlos Calado, Tropicália: A História de Uma Revolução Musical, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1997.

Caetano Veloso voltaria temporariamente ao Brasil em agosto de 1971, retornando definitivamente em 11 de janeiro de 1972, quando outros ativistas contraculturais estavam começando a despontar. Entre eles, ganhou destaque o cantor e compositor baiano Raul Seixas, que há anos vinha lutando para se estabelecer no cenário artístico nacional com um trabalho voltado para o rock'n roll, misturando-o com influências da música nordestina.

Ao contrário de Caetano Veloso, Raul Seixas reivindicava a ruptura com a "linha evolutiva" da MPB:

Acredite que eu não tenho nada a ver
com a linha evolutiva da música popular brasileira.
A única linha que eu conheço
é a linha de empinar uma certa bandeira.[1]

1 Conferir a canção As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor, composta por Raul Seixas, que faz parte do DISCO Gita, PHILIPS, 1974.

Percebe-se que estes versos foram uma resposta direta ao Caetano, em um dos muitos episódios que marcariam a constante diferença de posicionamentos entre os dois artistas baianos. Com estas palavras, Raul Seixas também quis manter distância em relação ao Tropicalismo. Cabe lembrar também das relações que Caetano Veloso teve com a bossa nova, que era odiada pelos roqueiros de Salvador e, entre eles, pelo jovem Raulzito:

"No teatro Vila Velha,
Velho conceito de moral
Bosta Nova pra universitário,
Gente fina, intelectual"[1].

1 Raul Seixas e Marcelo Nova em Rock And Roll. Do disco A Panela do Diabo, 1989.

A ruptura que Raul propunha com a "bandeira" da MPB e com as "cercas embandeiradas que separam quintais"[2], delimitando o que pode ou não pode ser debatido, também aparece na discussão de temas considerados "exóticos" pelos setores mais convencionais da nossa cultura, como a Lei de Thelema formulada pelo mago inglês Aleister Crowley, que sempre foi envolto em polêmicas e controvérsias, e o anarquismo – enquanto boa parte dos artistas da MPB optam pelo marxismo.

Foto: Divulgação

Raul Seixas organizou a passeata do Ouro de Tolo pelo centro do Rio de Janeiro em 7 de junho de 1973, pouco depois de haver conhecido o seu parceiro artístico Paulo Coelho[1], com quem compôs canções significativas de teor esotérico. Nesta manifestação pública ele cantou Ouro de Tolo, que era uma verdadeira bofetada nos valores da classe média que havia aderido ao Brasil ufanista do "milagre econômico":

1 Conferir a Cronologia montada por Sylvio Passos, in: Raul Seixas: Uma Antologia, Sylvio Passos & Toninho Buda, São Paulo, Martin Claret, 1992, pp. 95-96.

Eu devia estar contente
Porque tenho um emprego
Sou o dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros por mês

Eu devia agradecer ao Senhor
Por Ter tido sucesso na vida como artista
Eu devia estar feliz porque
Consegui comprar um corcel 73

Eu devia estar alegre e satisfeito
Por morar em Ipanema
Depois de ter passado fome por dois anos
Na Cidade Maravilhosa

Eu devia estar sorrindo e orgulhoso
Por ter finalmente vencido na vida
Mas eu acho isto uma grande piada
E um tanto quanto perigosa

Eu devia estar contente
Por ter conseguido tudo que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado

Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto: e daí?
E tenho uma porção de coisas grandes
Prá conquistar, eu não posso ficar aí parado[1].

1 Trecho da canção Ouro de Tolo, composta por Raul Seixas, que faz parte do disco Krig-Ha, Bandolo!, PHILIPS, 1973.

Esta letra de Raul denuncia de maneira debochada o modo como a classe média vendeu o seu apoio à ditadura militar na euforia do milagre econômico programado por Delfim Netto e sua equipe em meio ao governo truculento do General Médici.

Eu me lembro da minha época de infância, a qual se deu no mesmo instante em que Raul Seixas e o Paulo Coelho lançaram os seus manifestos em defesa da Sociedade Alternativa. Se atualmente, por obra de governos neoliberais, a escola pública está sucateada, naquele momento de autoritarismo explícito éramos obrigados a cantar o Hino Nacional com a mão no coração após escutarmos um discurso da diretora do colégio, que nos dizia: "Meus aluninhos: precisamos combater o comunismo!". Enquanto isso, muitos brasileiros que lutavam contra a ditadura, tanto os comunistas quanto os que apenas queriam uma sociedade democrática, ou uma sociedade alternativa, eram torturados e mortos pela ditadura militar. Naquele contexto em que qualquer opinião discordante poderia ser severamente punida, ecoou o grito libertário de Raul Seixas, retirado dos escritos de Aleister Crowley: "Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei"[1].

1 Da música Sociedade Alternativa, de Raul Seixas e Paulo Coelho. Do disco Gita, 1974.

Para historicizar melhor este movimento alternativo no contexto brasileiro, vou expor alguns fatos. Em "21 de julho: é lançado o LP Krig-Ha bandolo!, o seu primeiro disco pela Philips, com show no teatro Tereza Raquel, no Rio". A expressão Krig-Ha Bandolo! era o grito de guerra do Tarzan, e significa: "Cuidado, aí vem o inimigo". Sem dúvida, tal expressão possuía um sentido metafórico naquele período.

Em "26 de setembro: Estréia seu primeiro show em São Paulo, no Teatro das Nações, no qual foi distribuído o gibi/manifesto A Fundação de Krig-Ha, de autoria de Raul Seixas e Paulo Coelho, com desenhos de Adalgisa Rios. Têm início as atividades da Sociedade Alternativa". Este gibi-manifesto foi considerado subversivo e recolhido pela Polícia Federal da época da ditadura.

A tendência da aliança entre uma militância artística e um discurso místico, característica marcante de boa parte da Contracultura dos anos 1960 e 70, começaria a destacar-se no trabalho de Raul Seixas e Paulo Coelho, especialmente a partir do LP Gita, de 1974.

Foi então em meio àquele clima tumultuado e opressivo que se formou esta movimentação de caráter anarquista que ficou conhecida pelo nome de Sociedade Alternativa, da qual o expositor central foi, sem dúvida, Raul Seixas.

Mas o anarquismo presente em Raul Seixas é bem heterodoxo, incorporando as propostas diferenciadas da Contracultura.

Seguindo a tendência contracultural de resgate e de valorização de elementos que os setores mais convencionais da sociedade consideravam "malditos", tal movimento teve como base a chamada Lei de Thelema do mago inglês Aleister Crowley (1875-1947), o qual foi chamado, pelos seus críticos, de "o pior homem do mundo". Essencialmente provocador, Crowley gostava de ser considerado "A Grande Besta 666". Pelo seu embate contra as concepções mais fechadas da religiosidade cristã e pela sua ênfase no homem como o centro do Poder da Vontade, Crowley foi considerado o "Nietzsche do Ocultismo":

"A partir de Crowley, todo o ocultismo mundial foi profundamente modificado. Crowley representa para o ocultismo o que Nietzsche representa para a Filosofia. Ou seja: nós poderemos detestá-lo e combatê-lo. Mas a sua influência, potência e importância como divisor de águas é inegável. A filosofia e o ocultismo se transformaram em outros depois deles".

Thelema, palavra grega que significa Vontade, destina-se na Magia de Crowley, chamada por ele de Magick, a oferecer uma nova ética à vida dos homens que estão em sintonia com os ritmos existenciais da chamada Era de Aquário; Raul preferiram chamá-la de Novo Aeon, que por sinal é o título de uma música e de um disco de Raul Seixas lançado pela PHILIPS em 1975. Os discípulos de Crowley são chamados de thelemitas; eles são representados pela O.T.O. (Ordo Templi Orientis), organização ocultista da qual Crowley foi o coordenador mundial.

Como se percebe, a Sociedade Alternativa foi um movimento heterodoxo que, à maneira da Contracultura, juntou temas que até então não eram discutidos de maneira conjunta, como política, anarquismo, sexualidade, Ufologia, espiritualidade e a Magia, que é a manipulação e a movimentação de energias presentes na natureza e no universo – e também dentro de nós mesmos, implicando num processo de autodescoberta. A importância do movimento alternativo foi tal que abrangia, junto ao coletivo, assuntos até então restritos a círculos fechados de iniciados. A abertura para o acesso a conhecimentos que antes eram fechados é uma das características do Novo Aeon de Aquário, para o qual estamos caminhando a passos lentos.

O Livro da Lei, ditado ao Crowley em 1904 pela entidade Aiwass que se manifestou a ele através da sua primeira esposa, Rose Edith Kelly, em estado de transe mediúnico, foi citado várias vezes por Raul Seixas em canções como "Sociedade Alternativa[1]" e, principalmente, "A Lei"[2], e o seu conteúdo diz, entre outras coisas[3]:

1 Gravada em 1974, no DISCO Gita. Foi composta por Raul Seixas e Paulo Coelho.
2 Composta por Raul Seixas. Gravada em 1988 no DISCO A Pedra do Gênesis, lançado pela gravadora Copacabana. A síntese do Livro da Lei é chamada de Liber OZ.
3 Uma cópia do Livro da Lei, a qual foi aqui utilizada, encontra-se na p. 34 de Raul Seixas e o Sonho da Sociedade Alternativa, São Paulo, Martin Claret, 1993.

“A lei do forte: esta é a nossa lei e a alegria do mundo”. AL ii 21
“Faze o que tu queres: há de ser tudo da Lei”. AL i 40
“Tu não tens direito a não ser a fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não”. AL i 42-3
“Todo homem e toda mulher é uma estrela”. AL i 3.
“Não existe Deus senão o ser humano”.
“O ser humano tem o direito de viver por sua própria Lei”.
“Amor é a Lei, amor sob Vontade”. AL i 57.

Em um período de sua vida, na década de 1970, Raul Seixas esteve ligado à seção brasileira da O.T.O. coordenada por Marcelo Motta, e da Argentum Astrum, também ligada à Magia de Thelema, que chegou a ceder um terreno em Paraíba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, para servir como foco de expansão para a ideia. Mas tal processo seria interrompido em maio de 1974, já no governo do General Geisel: a ditadura militar não gostou nem um pouco da ideia de se criar uma Sociedade Alternativa chamada Cidade das Estrelas baseada no lema thelemita “Faze o que tu queres, pois é tudo da Lei”. Isso foi considerado uma revolução contra o regime militar. Paulo Coelho se afastou da O.T.O., e Raul Seixas foi expulso dela por ordem de Marcelo Motta em 1975, após modificar a letra da música A Maçã, de autoria dos três – Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta. Independente disso, o Raul continuou a citar o Crowley em algumas de suas canções.

Ilustrando toda esta capacidade de Raul em utilizar um discurso mágico encaminhado para uma via de contestação à realidade social e política do Brasil, é bom lembrar estas palavras do Sylvio Passos:

“Na verdade, o Raul era uma pessoa curiosa, interessada em ler livros e artigos sobre o assunto (...). O Raul somou todo o seu conhecimento ao que ele absorveu da literatura de Crowley e acabou por criar o Raulseixismo[1]”.

1 Conforme Sylvio Passos nos diz na obra de Luciane Alves, Raul Seixas e o sonho..., p. 129.

Luiz Lima

Luiz Lima é o nome artístico de Luiz Alberto de Lima Boscato, nascido em Jundiaí – SP sob o signo de Aquário. Ele é poeta, escritor, professor e autor da tese de doutorado Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem, defendida e aprovada no Departamento de História Social da FFLCH-USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) no dia 8 de agosto de 2006. Para realizar esta pesquisa, Luiz contou com o apoio de uma bolsa de doutorado do CNPq. Como resultado da sua trajetória, o autor já deu palestras em lugares como o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e o CPPL - Centro de Pesquisas em Psicanálise e Linguagem, em Recife, em 2005, e o SESC da Rua 24 de Maio, em Fortaleza, e a UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), em Cuiabá, no ano de 2008. Em novembro de 2023, Luiz Lima publicou, pela Editora In House, o livro Raul Seixas e a Era de Aquário, que está na Amazon tanto na forma impressa, como na forma de e-book. Ele foi a Portugal para expor esta obra literária na Feira do Livro de Lisboa em 2024 e 2025. O autor já fez parte de diversos grupos de estudos e de pesquisas: entre eles, o Grupo EGEHU (Estudo dos Grandes Enigmas do Homem e do Universo), entre 1988 e 1990.
Perfil do autor no Instagram, no TikTok e no Kwai: @luizlimaescritor
No Facebook: https://www.facebook.com/luiz.lima.351
Perfil no X (antigo Twitter): https://x.com/_luizlima
Email para contatos: luizlima@gmail.com

OITENTA SÓIS NA ESTRADA DO MALUCO BELEZA

Evandro Meneses

Foto: Divulgação

Oito décadas se erguem, não como muros, mas como asas. Oito décadas que não cabem em calendários, pois habitam o território intemporal do mito. Raul Santos Seixas, o Filósofo do Rock brasileiro de óculos escuros e sorriso sardônico, completaria 80 voltas ao redor do sol neste 28 de junho de 2025. Mas Raul, sabemos, nunca se curvou à tirania do relógio ou do senso comum. “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”, bradou ele, e é assim que permanece: em perpétua transformação, ecoando nos corações que ousam questionar.

Ele surgiu como um trovão no céu límpido da MPB, um Elvis tropical que trocou o gospel pelo cangaço filosófico. Não foi apenas um roqueiro; foi um alquimista sonoro, fundindo o ritmo cru dos blues norte-americanos com a alma pulsante do Nordeste, o bumba-meu-boi com a guitarra elétrica, a feijoada com o hambúrguer. "Toca Raul!" era mais que um grito; era uma senha para adentrarmos seu labirinto de ideias, onde a Sociedade Alternativa não era utopia, mas um projeto urgente esboçado em versos cáusticos e melodias que grudavam na alma. Raul não cantava para entreter; cantava para incendiar consciências. "Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade", ensinava, transformando a canção em um ato coletivo de rebeldia construtiva.

Sua figura de Maluco Beleza era uma máscara sagaz. Por trás do personagem excêntrico e das lentes escuras, pulsava um filósofo autodidata, um leitor voraz de Nietzsche e Crowley, um buscador incansável do "eu" por trás do ego. Suas letras eram tratados existenciais disfarçados de rock'n'roll. Questionava Deus (Deus vê sempre tudo que cê faz, mas eu não via Deus...), o sistema ("Eu nasci há dez mil anos atrás"), o conformismo "Eu tenho uma porção de coisas grandes prá conquistar E eu não posso ficar aí parado…" e a própria sanidade, com uma ironia afiada que desarmava e iluminava. Em parceria explosiva com Paulo Coelho, mergulhou fundo no misticismo e na psicodelia, criando hinos como "Gita" e "Al Capone", mapas para paisagens interiores ainda inexploradas.

Raul fracassou espetacularmente em ser convencional. Sua vida foi um turbilhão criativo e existencial, marcado por altos e baixos vertiginosos, um testemunho vivo da busca sem tréguas. Mas seu fracasso em se enquadrar é justamente sua vitória eterna. Ele se tornou um arquiteto de sonhos alternativos, o padroeiro dos desajustados criativos, o profeta do rock que pregava a liberdade interior acima de tudo. “Cantar tudo o que vier na cabeça, eu vou cantar até que o dia amanheça”, alertava, lembrando-nos da preciosidade da própria essência.

Passados 80 anos de seu nascimento em Salvador, seu legado não é medido em discos vendidos, mas em mentes despertadas, em corações que ainda batem no compasso irregular da inconformidade. Sua voz, rouca e cheia de verve, ainda ressoa como um chamado: um chamado à coragem de ser diferente, à ousadia de pensar, à beleza de se metamorfosear constantemente. Ele pavimentou, com seu rock brasileiro único, uma estrada alternativa por onde ainda caminham os que buscam mais que respostas – buscam perguntas que valham a pena. Raul Seixas, o eterno jovem de 80 sóis, permanece vivo, como ele mesmo profetizou, em cada nota distorcida de guitarra que desafia o óbvio, em cada grito silencioso por liberdade. Afinal, como diria o próprio mito: “O hoje é apenas um furo no futuro”. Salve Raul Seixas!

EVANDRO MENESES – Professor de Literatura e História da Arte da rede particular de ensino há mais de 20 anos. Membro da Academia Cearense de Cinema e do Grupo de Cinema de Arte de Fortaleza. Gestor cultural, desenvolve projetos literários e cinematográficos em escolas e comunidades. Autor de textos diversos em periódicos da cidade sobre Literatura (crônica, poesia e crítica), Cinema e Música. Coautor dos livros “Cinema: arte e sonho” e “Cartas para Belchior –vol.1”.

RAUL SEIXAS:
O MALUCO BELEZA DO ROCK BRASILEIRO

Élcio Cavalcante

Raul Seixas, conhecido como o “Maluco Beleza”, foi um dos principais ícones do rock brasileiro, é considerado hoje em dia um mito do rock no Brasil, é uma voz na música brasileira contra a conformidade, nasceu em 28 de junho de 1945, em Salvador, Bahia. Ele se destacou como cantor e compositor, sendo uma das principais lendas do rock nacional. Sua música é marcada por letras poéticas e filosóficas que abordam temas como liberdade, amor e crítica social.

Desde jovem, Raul Seixasmostrou interesse pela música. Influenciado por gêneros como o rock and roll e a música popular brasileira, ele começou sua carreira na década de 1960. Com o álbum “Raul Seixas”lançado em 1973, ele conquistou o público com sucessos que encantaram o público como “Ouro de Tolo”, “Medo da Chuva”, “A Maça” e “Gita”. Sua mistura única de rock, baião e outros ritmos brasileiros, o que fez com que suas canções se tornassem atemporais.

Um dos aspectos mais fascinantes de Raul Seixasé sua filosofia de vida. Ele era um defensor da liberdade individual e costumava desafiar as convenções sociais. Em suas músicas, ele frequentemente falava sobre a busca pela verdade e a rejeição à hipocrisia. Essa atitude rebelde ressoou com muitos jovens da época, solidificando seu status como um ícone da contracultura, é atualmente o poeta do rock nacional.

Além de sua carreira musical, Raul Seixastambém se destacou como escritor e pensador. Ele explorou temas esotéricos e místicos, refletindo suas crenças em várias de suas composições. A canção “Eu Sou Eu, Nicuri é o Diabo”e “Sociedade Alternativa”exemplificam sua visão única sobre a identidade e a existência.

Infelizmente, Raul Seixasfaleceu em 21 de agosto de 1989, em São Paulo, aos 44 anos, mas seu legado continua vivo. Suas músicas ainda são amplamente ouvidas e admiradas por novas gerações. Raul Seixasnão é apenas um cantor; ele é um símbolo de autenticidade e liberdade no cenário musical brasileiro.

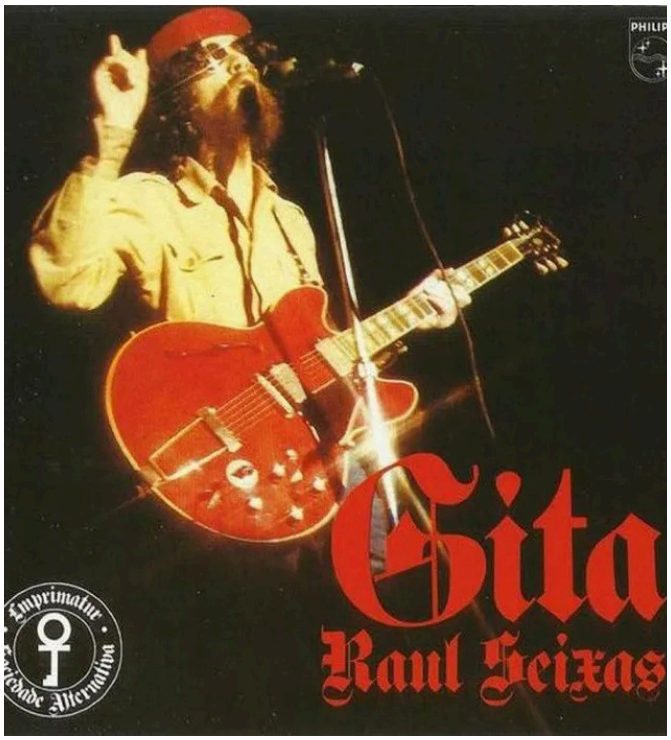


Foto: Divulgação

Infância e Juventude:

Raul Seixas, filho de um advogado e uma professora, passou sua infância em Salvador. Desde cedo, ele se interessou por música, influenciado por artistas como Elvis Presley e Bill Halley. Na adolescência, começou a tocar violão e a compor suas próprias canções.

C**arreira Musical:**

Raul Seixasiniciou sua carreira musical na década de 1960, mas foi na década de 1970 que ele realmente se destacou. Ele lançou seu primeiro álbum solo em 1973, que já continha músicas marcantes. Com o tempo, ele se tornou conhecido por suas performances energéticas e seu estilo único.

Parcerias e Influências:

Durante sua carreira, Raul teve parcerias significativas, sendo uma das mais notáveis e marcantes com o cantor, compositor, jornalista e escritor Paulo Coelho. Juntos, eles criaram algumas das músicas mais icônicas da época e que se tornaram clássicos do cancioneiro dos bares brasileiro. A relação deles foi marcada por uma forte amizade e uma troca criativa que resultou em sucessos como “Gita”e “Ouro de Tolo”. Sua filosofia de vida desafiava convenções sociais, refletindo sua busca pela verdade e autenticidade.

Temas e Estilo:

As letras de Raul Seixassão conhecidas por sua profundidade filosófica e crítica social. Ele abordava temas como a busca pela verdade, a liberdade individual e a crítica ao conformismo. Seu estilo musical é caracterizado pela fusão de rock com ritmos brasileiros, como baião e samba.

Legado:

Após sua morte em 1989, Raul Seixasdeixou um legado duradouro. Suas músicas continuam a inspirar artistas contemporâneos e a tocar o coração de fãs em todo o Brasil. Ele é frequentemente lembrado como um dos maiores compositores da música brasileira.

Reconhecimentos:

Ao longo dos anos, Raul Seixasrecebeu diversas homenagens póstumas, incluindo tributos em festivais de música e lançamentos de álbuns com reinterpretações de suas canções por novos artistas. Seu impacto na cultura brasileira é inegável, pois até hoje em diversos shows pelo Brasil afora, o público grita aos cantores e músicos: “Toca Raul”!

Em síntese, Raulzito foi um cantor, compositor, produtor, multi-instrumentista, ou seja, um artista revolucionário que deixou uma marca indelével na música brasileira. Sua capacidade de unir diferentes estilos musicais com letras profundas e profícuas fez dele um verdadeiro pioneiro e mito do rock nacional, nos deixando um legado duradouro de reflexões, irreverências e alegrias musicais que continuam a inspirar as novas gerações por este país que ele tanto amava. Viva Raul Seixas! Vida longa ao rock brasileiro!

Ali eu nasci
Ali na Bahia
Ali conheci
Alice Maria
Ali o amor
Ali se formou
Ali o amor
Ali se acabou

(Alice Maria. Mariano, Raulzito e Eládio. In: LP Raulzito e os Panteras, EMI-ODEON, 1968)

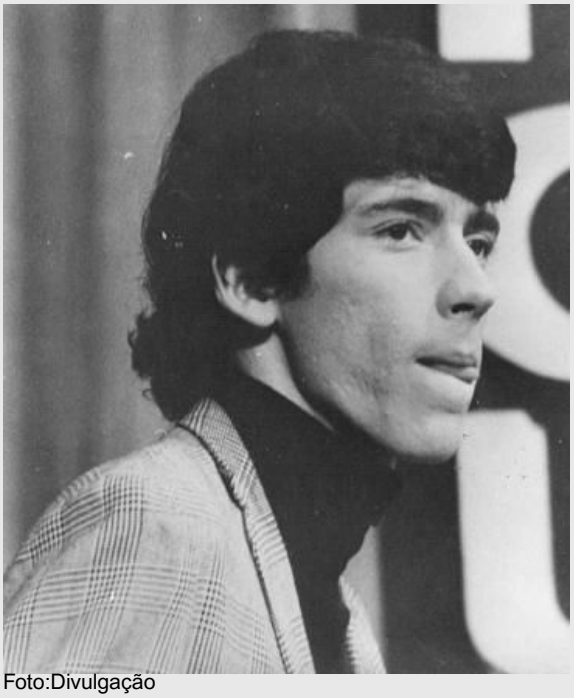


Foto:Divulgação

Raul Seixas transpôs para a música suas vivências e lembranças da infância. As histórias que o pai contava na biblioteca repleta de clássicos da literatura. Histórias de retirantes da seca, de heróis, de um certo Dom Quixotes, personagem com o qual o pequeno Raul se achava parecido. No universo de Raulzito, existiam muitos Carlos e Alices. A música “Alice Maria”, composição de Eládio, Mariano e Raulzito apresenta um clima gregoriano-psicodélico à la Electric Prunes. Um estilo que não agradou a juventude da época.

Élcio Cavalcante - Professor de História e escritor.

CARTA DE FÃ

José Cândido

Desde os 12 anos, quando ouvi a música eu Nasci há 10 mil anos atrás, o Raul Seixas passou a fazer parte da trilha sonora da minha vida, ainda adolescente me deslumbrava com as suas músicas cheias de poesia, mensagens e principalmente a irreverência que batia com o que eu sentia naquele tempo áureo de adolescente. Com o tempo todo, essa admiração virou "paixão", e passei a me interessar cada vez mais pela sua história, suas ideias e sua obra.

Me tornei fã daqueles que sabem as letras de cor (porém, hoje troco a letra, os erros propositalmente ou adaptando a letra à minha realidade atual / lembra alguém?) que sinta cada verso como se tivesse sido escrito especialmente para si. E não parei por aí: comecei a colecionar tudo que encontrava sobre ele - fitas k7 (minha primeira coleção) devido na minha casa no início da década de 1980 ter um gravador (como a gente falava) / toca fita, discos, revistas, cartazes, fotos, recortes de jornais é raridade como a cópia do atestado de óbito do Raul Seixas que me foi presenteado pelo escritor Isaac Soares de São Carlos–SP. Cada momento da minha vida carrega um pedaço da genialidade de Raulzito e representa uma conexão especial com esse artista único e exclusivo que marcou a música brasileira e a vida de muitos malucos e caretas.

Raul Seixas não foi apenas um cantor, mas um pensador à frente de seu tempo. Seu legado continua vivo e, para mim, é uma honra ajudar a manter essa chama acessa através da minha página no Instagram, @olendarioraulzito, revivendo suas canções e espalhando sua filosofia por onde passo. Ser fã e colecionador de Raul Seixas e carregar um pouco de sua liberdade, ousadia e autenticidade todos os dias me faz sentir um verdadeiro RaulSeixista.

Desde o momento em que passei a colecionar tudo sobre a vida e obra do Raul, sonhava em montar um fã clube que não saiu do papel, mas que juntei muita coisa com esse objetivo, que com o tempo vou divulgando na página do instagram.

Um abraço e até outra vez.

José Cândido (Zeka) nasceu em Betim-MG, onde vive até hoje. Com 52 anos, é formado em Eletroeletrônica com especialização em manutenção industrial. É um grande fã do cantor e compositor baiano Raul Seixas.

Foto: José Cândido

EU QUERO DIZER
AGORA, O OPOSTO DO QUE EU DISSE ANTES
EU PREFIRO SER
ESSA METAMORFOSE AMBULANTE
DO QUE TER AQUELA VELHA OPINIÃO
FORMADA SOBRE TUDO

(Metamorfose Ambulante. Raul Seixas. In: LP "Krig-há, Bandolo!", Philips Records, 1973)

A música "Metamorfose Ambulante" sugere o reconhecimento do processo de pensamento em constante movimento, não estático, abordando a natureza contraditória do pensamento humano. Raul Seixas era uma verdadeira metamorfose ambulante. Em vida passou
por várias mortes simbólicas. Desde a infância até a fase adulta, passou por várias transformações, como a borboleta que passa por várias fases até se tornar adulta.

RAUL SEIXAS NÃO MORREU

Isaac Soares de Souza/1995

Ninguém se iluda:
A Morte vem,
Antes do nascer do Sol
À hora que ninguém espera!
De avião, navio, automóvel, Trem,
Trem 103, Trem das 7,
É o próprio arrebol
Com suas alpercatas
Cor de nuvem negra
Entoando mil endechas!
Amém, amém...
No balaço de uma arma que dispara
No fio cortante de uma navalha
Numa corda que se enlaça no pescoço
Para dar parada obrigatória à vida
No câncer já espalhado,
Na AIDS que consome vidas
Enfim, a morte está presente em todas as coisas vivas
Como dizia Raul Seixas:
Há homens que já nascem póstumos!
Pague pra ver que eu aposto
Falava dele próprio!
A Morte surda caminha ao lado
De todos nós
E ninguém sabe em que esquina
Ela vai nos beijar:
O coração que se recusa
A bater no próximo minuto,
Deus que não me quer mais sobre a face da Terra
Ou o Diabo que no sexto círculo de seu érebo me espera
Torturado, escravizado,
Excomungado e banido
Fuzilado, esfaqueado,
Enforcado covardemente
Como enforcaram a Saddam
Crucificado como Cristo
Qualquer tipo de morte está previsto
Para quem vive neste inferno/paraíso
Raul Seixas nasceu há dez mil anos atrás
Portanto, é eterno e não morrerá jamais!
Deixem-me escrever o que desejo
O que posso fazer, o que almejo
Quebrando vidraças do velho Ricardo,
Nesta vizinhança sou filho bastardo
Opróbrio dos homens
Refém das dores que me consomem
Igreja, Estado e Sociedade
Viam na figura contestadora de Raul
O demônio e o cu
Do mundo,
Cachaceiro mal-amado, vagabundo

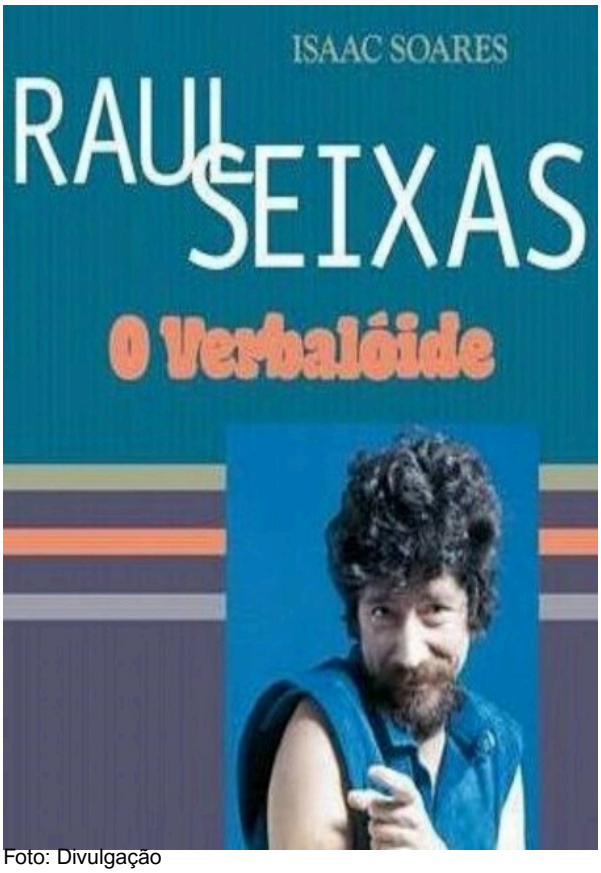


Foto: Divulgação

Como somos verbalóides, o começo foi o verbo. Em "GITA", e em outras composições minhas. "Eu sou, eu fui, eu vou...". A afirmação do "eu", pois o homem precisa aprender a auto-afirmar-se, o "eu" assumido e vomitado, arrancará do âmago esse medo que o homem tem de declarar-se senhor absoluto de seus direitos e do universo.
(RAUL SEIXAS)

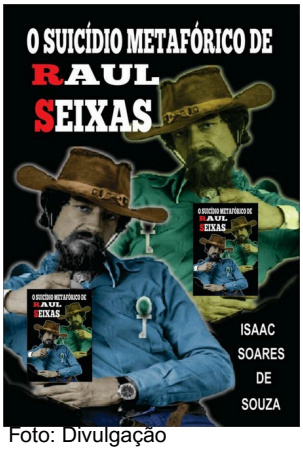


Foto: Divulgação

Suicídio é que nem uma mulher bonita num bar. Você olha ela e algo dentro de você cresce e diz 'eu preciso dessa mulher pra mim'. Aí você pede um whisky e começa a pensar no que falar pra ela. Eu pergunto o nome dela? Ou eu chego me apresentando? Eu pergunto o que ela gosta de fazer ou tento encantar ela com as coisas que eu gosto? Você vai ficando nervoso, pede mais uma bebida e se questiona: por que eu quero essa mulher tanto? Mas você não consegue responder. É algo maior que você. Quando você finalmente toma coragem e se levanta, o caminho entre o balcão e ela parece uma eternidade. Você chega perto dela e trava. Fica com medo. Você desiste e volta pra casa agoniado por não ter conseguido falar com aquela mulher. Chega em casa e se masturba pensando naquela mulher. Você não consegue entender o conflito entre existir algo dentro de você dizendo que você quer; e, quando você tenta fazer, outra coisa dentro de você diz que não é pra fazer. Suicídio é que nem uma mulher bonita num bar.- Charles Bukowski "TODOS NÓS VAMOS MORRER, QUE CIRCO! SÓ ISSO DEVERIA FAZER COM QUE AMÁSSEMOS MAIS UNS AOS OUTROS, MAS NÃO FAZ."

Areia da ampulheta,
O falo que desvirginava qualquer boceta
Boca escancarada cheia de dentes
Escarrando verdades na cara da gente
Mas, Raul sabia por quem os sinos dobravam
Porque os burgueses e os poderosos
Vomitam suas insanidades sobre
As cabeças sem capacete protetor
Agora, destituído do corpo carnal
Raul caminha anônimo
Pelo insondável flanco
Da alma que se levanta sobre os pés
Invisíveis do coração descontínuo
De saudade!
Como soldado que voltasse
De uma batalha magnânima,
Não como herói que matou mais inimigos
Mas como um desertor
Que abandonou sorrateiramente o front,
Porque herói de guerra é o soldado que deserta
Nas margens da carne
Que arqueja e que arde
E parece um gemido
E percorre nossos ossos, nossos corpos deitados
Como animais extasiados
Pelo trabalho escravo
Manifestando em nós
A Sociedade Alternativa,
Outorgando-nos
A Cruz de Ansata,
A Chave da Vida!!!
A Morte não mata quem já nasceu imortal!
Metamorfose Ambulante,
Maluco Beleza, livre de corrente nas patas!
Já que somos o protótipo dos animais...
Quixote de Cervantes,
Mágico e forte,
Raul Seixas rompeu os grilhões
Disfarçado de louco
Vomitastes à mesa da realeza
Do Monstro Sist, da Sociedade e da Igreja,
Essa mesma Igreja que queimou multidões nas fogueiras
E conduz suas reses à beira do precipício da ignorância
E da servidão,
Que transformou Deus na bandeira negra da segregação
Raul, crescestes e conduzistes
Um povo chamado raulseixista
E atravessastes a nado um mar Vermelho imaginário
Como Moisés no Livro sagrado,
Mas um Mar vermelho de sangue
E tirastes água da rocha,
Guerreiro, tua espada
Era a guitarra na mão

Você não morreu
Voltastes da batalha entre heróis feridos
E nós, os incompreendidos
Raulseixistas
Somos testemunhas sacrílegas
E primeiras como Madalena
Da tua ressurreição!!!

Isaac Soares de Souza. Foto: Divulgação

Isaac Soares de Souza foi amigo de Raul Seixas e fundou o primeiro fã clube do artista. É autor de livros como Raul Seixas, O Metamorfônico e Zé Ramalho: O Profeta do Terceiro Milênio.

Oh! Deusa mãe do poeta,
Mulher luz do meu destino,
Acende a minha lucidez
Com o teu saber divino -
Nessa hora não me deixas,
Pois vou contar Raul Seixas
Desde quando era menino.

Raul nasceu na Bahia,
Terra de São Salvador,
Desde criança já tinha
O sonho de ser cantor.
No Nordeste brasileiro,
Esse bravo mensageiro
O seu umbigo enterrou.

Costa Senna

Foto: Divulgação

"Hoje é domingo
Missa e praia
Céu de anil
Tem sangue no jornal
Bandeiras na Avenida Zil"

(S.O.S. Raul Seixas. In: LP Gita, Philips Records, 1974)

O domingo, o primeiro dia da semana, que se segue ao sábado e precede a segunda-feira. É o dia consagrado à oração e aos descansos. Um dia que parece ser normal. Um dia que os jornais anunciam sangue e nas ruas as pessoas como formigas trafegam sem saber o porquê de sua existência. No seu tédio o poeta baiano observa tudo como se fosse uma coisa normal. Mas na verdade, ele mesmo sabia que nada nesse mundo é normal. Tudo é complexo.

Capa do Disco Gita

"Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar"

(Gita. Raul Seixas e Paulo Coelho. In: LP Gita, Philips Records, 1974)

Raul Seixas e Paulo Coelho criaram Gita inspirados no Bhagavad Gita, poema épico hindu, quando Arjuna pergunta a Krishma "Quem é você? E Krishma responde: "Eu sou a luz das estrelas".

O álbum Novo Aeon lançado pela gravadora Philips em 1975 é todo alicerçado no livro da Lei, que Aleister Crowley recebeu, ditado por um ser do Novo Aeon. Esse disco foi o que menos vendeu, apesar de conter verdadeiras pérolas como "Tente outra vez", "A maça", "Eu sou egoísta", "Rock do diabo" e "Para Nóia". Nesse disco, Raul trocou de parceiro, saiu de cena Paulo Coelho e entrou Marcelo Motta (Parzival XI) um representante no Brasil do bruxo britânico Aleister Crowley.

Capa do Dico Novo Aeon

"Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!"

(Tente outra vez. Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta. In: LP Novo Aeon. Philips Fontana, 1975)

Raul Seixas e seus parceiros compuseram verdadeiras pérolas para o álbum Novo Aeon, entre elas estava "Tente outra vez", uma overdose de coragem para aquelas pessoas que diante das adversidades da vida levantam a cabeça, sacodem o mundo e tentam tudo outra vez.

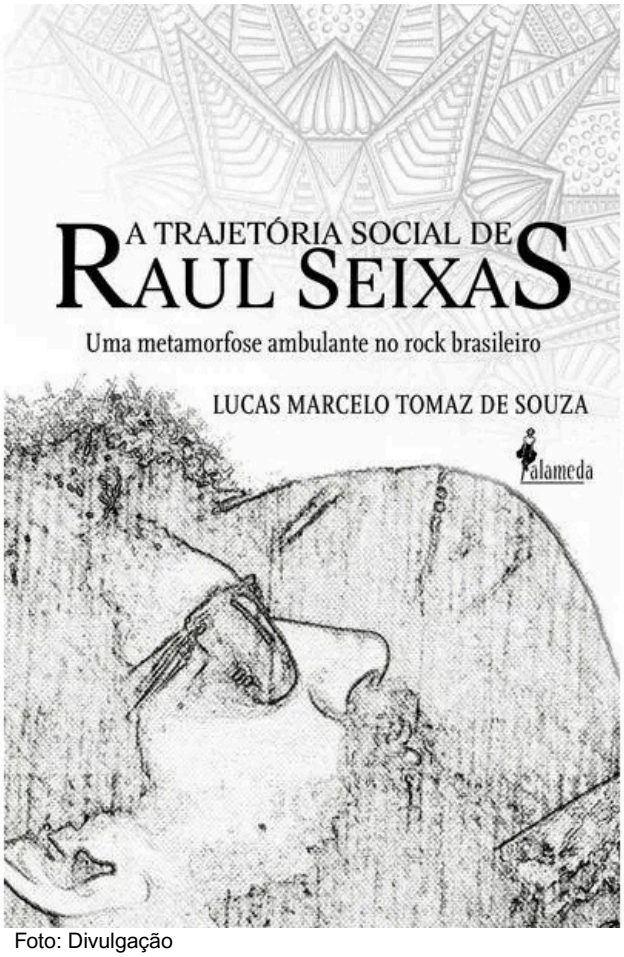


Foto: Divulgação

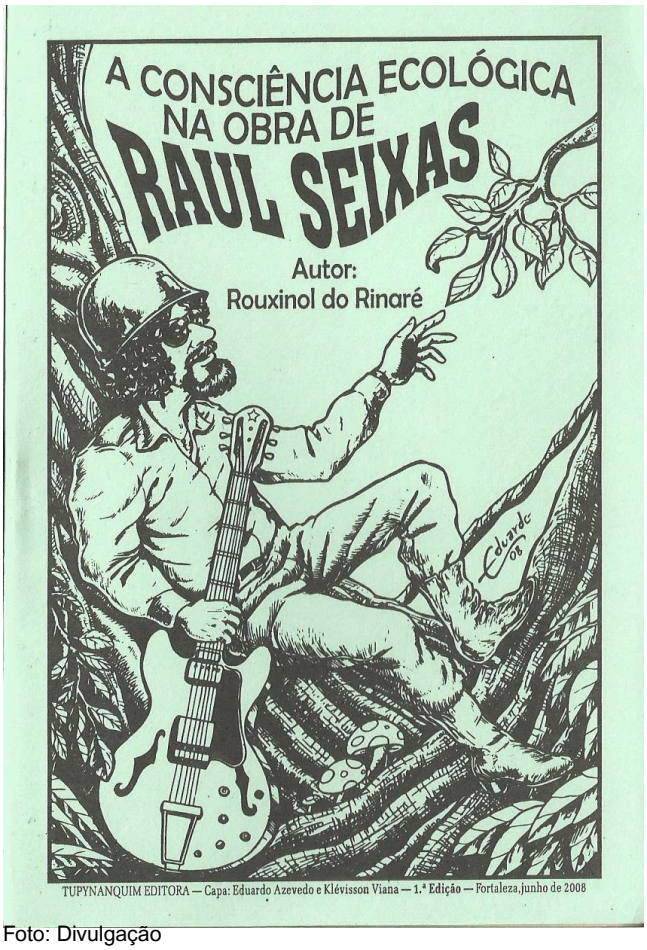


Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

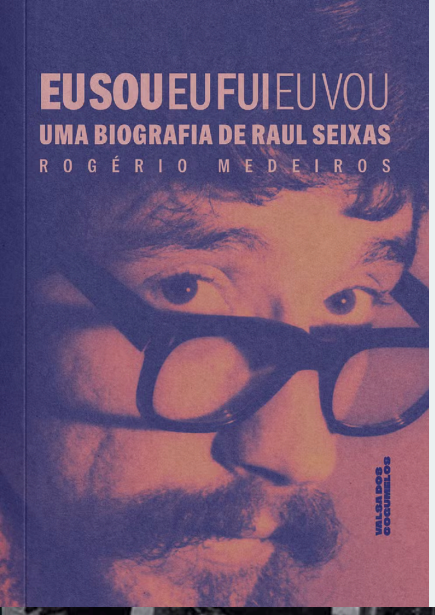
RAUL
POR TRÁS DAS CANÇÕES
CARLOS MINUANO

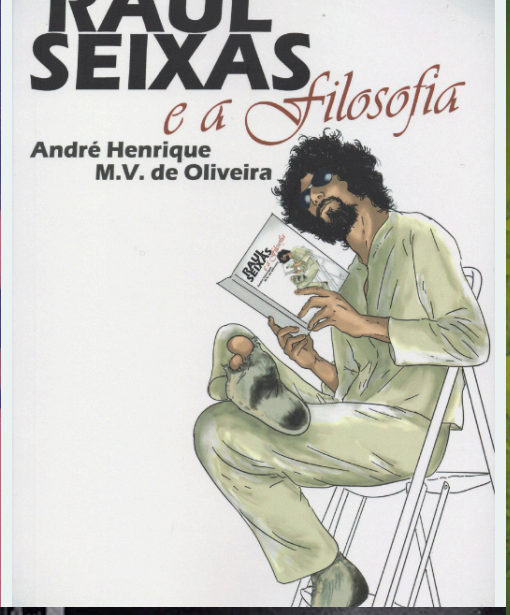
EXPO RAUL ROCK CLUB
UMA NOITE RAUL SEIXAS NA RUA AUGUSTA
PROJEÇÃO DE IMAGENS RARAS
ÍteNs ORiginais do ACerVo pESsoal de SyLVio PASsos
JAM SEIXAS com convidados especiais
SEXTA-FEIRA
17 DE DEZEMBRO DE 2010
22 HS
20 REAIS
ROCKER CLUB
RUA AUGUSTA, 901
WWW.ROCKERCLUB.COM.BR
11 3129-5588
Realização:
A Ordem da Introspecção Mística
& Cúpula do Relâmpago Dourado
Produção e Organização:
Sylvio Passos e Juliano Gauche

O RAUL
QUE ME CONTARAM
TIAGO BITTENCOURT
MARTIN CLARET

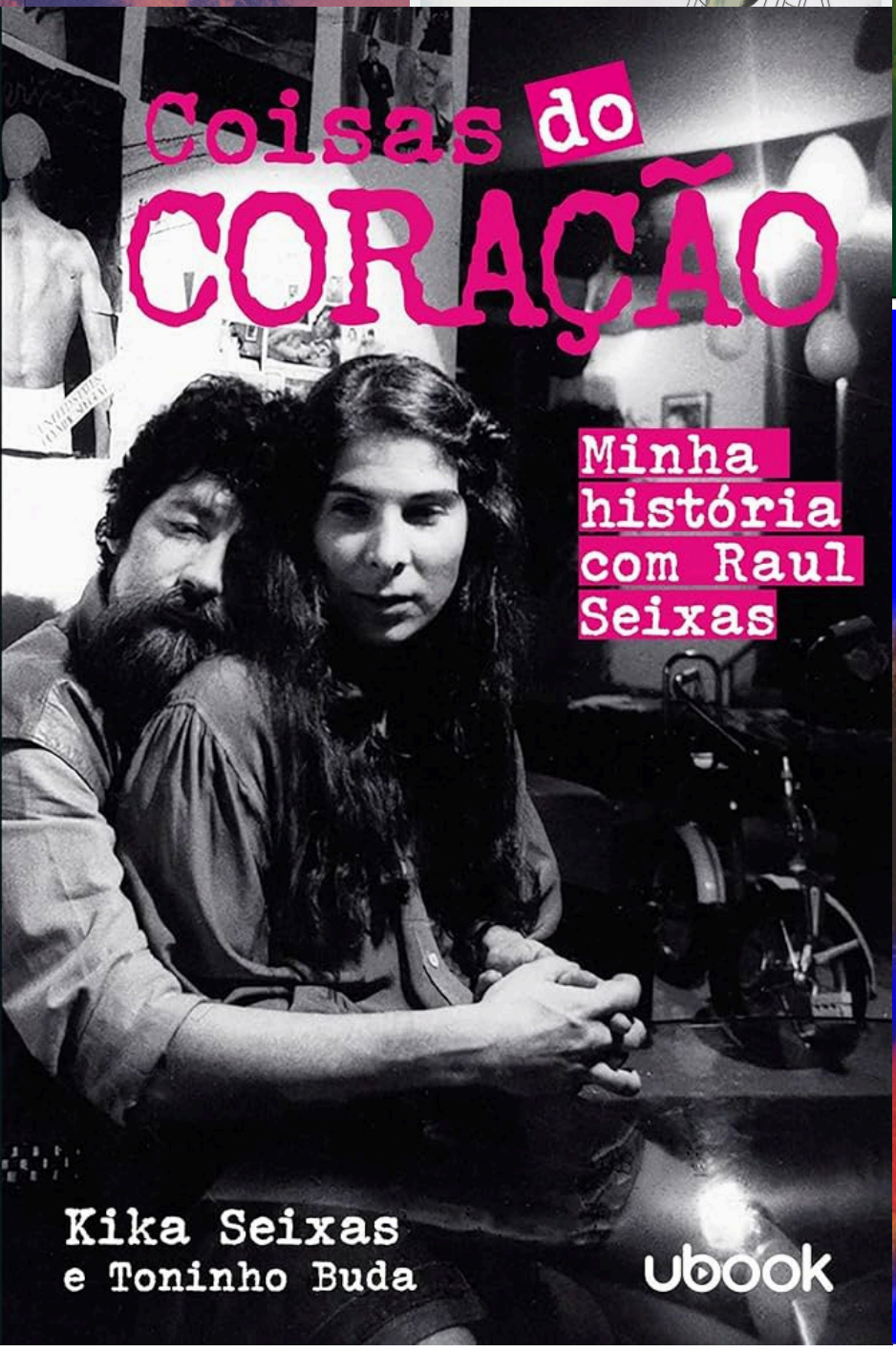
RAUL SEIXAS
NÃO DIGA QUE A CANÇÃO ESTÁ PERDIDA
JOTABÊ MEDEIROS

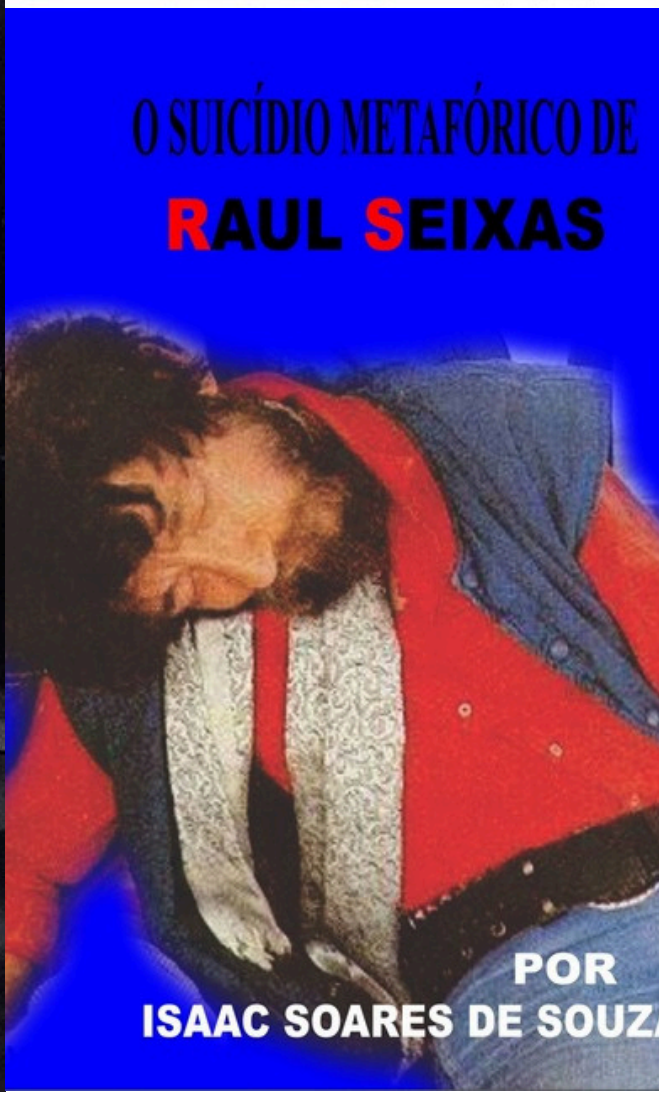
Imprimatur
Sociedade Alternativa
inclui
CD
com gravações
inéditas
Ediouro
O BAÚ do
RAUL
REVIRADO

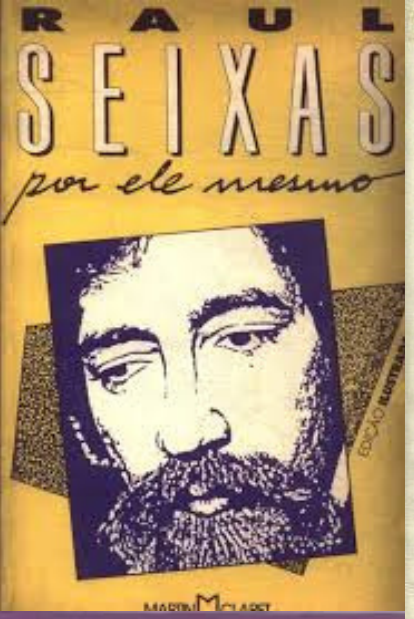

EU SOU EU FUI EU VOU
UMA BIOGRAFIA DE RAUL SEIXAS
ROGÉRIO MEDEIROS

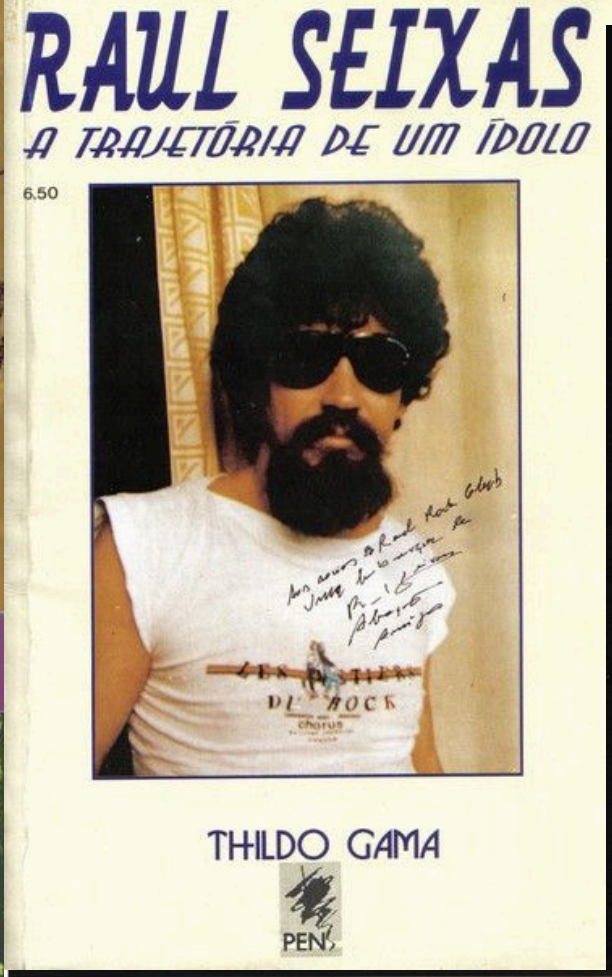

RAUL SEIXAS
e a Filosofia
André Henrique
M.V. de Oliveira

Raul Seixas
UMA LENDA VIVA NA MEMÓRIA
DE SEUS ADMIRADORES
A HISTÓRIA REAL PRESENCIADA POR
ELTON FRANS

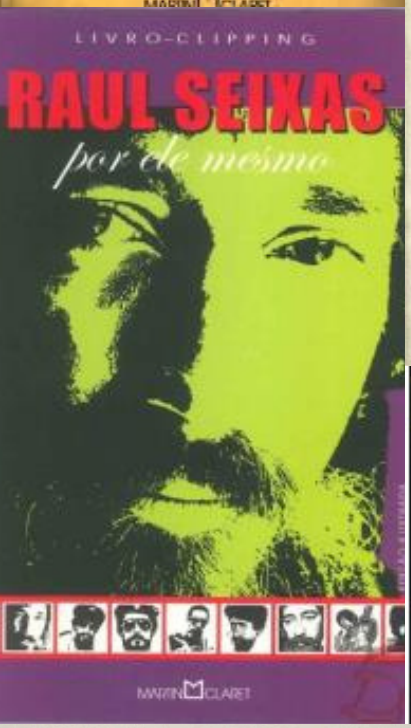

Coisas do
CORAÇÃO
Minha
história
com Raul
Seixas
Kika Seixas
e Toninho Buda
Ubook

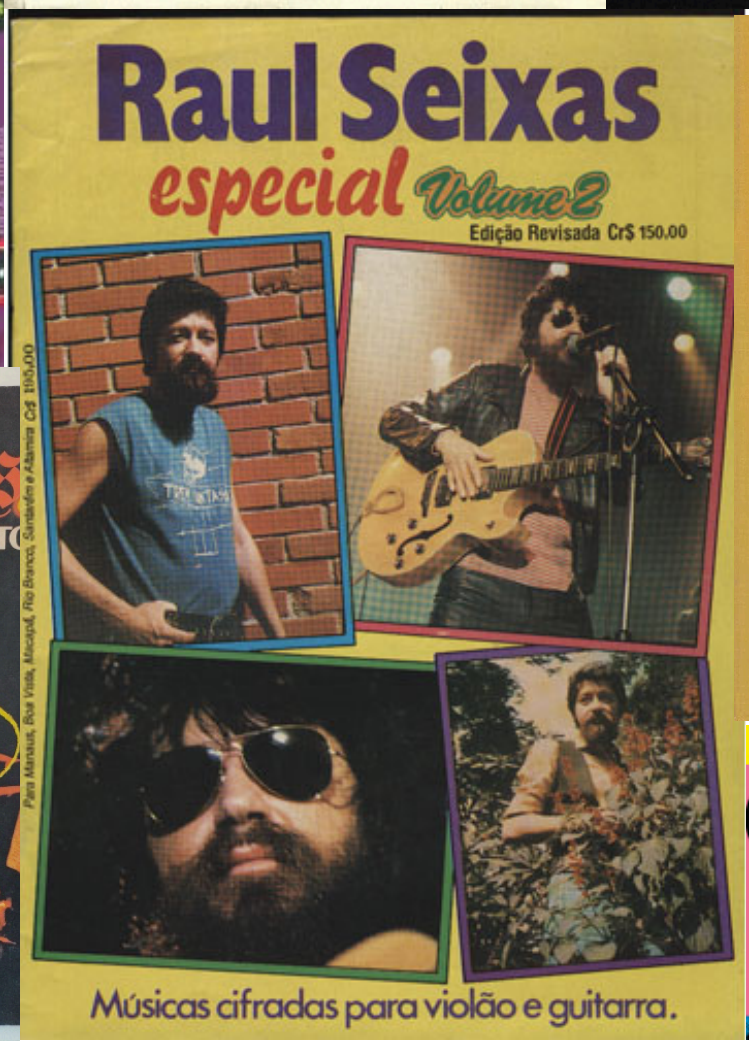

O SUICÍDIO METAFÓRICO DE
RAUL SEIXAS
POR
ISAAC SOARES DE SOUZ

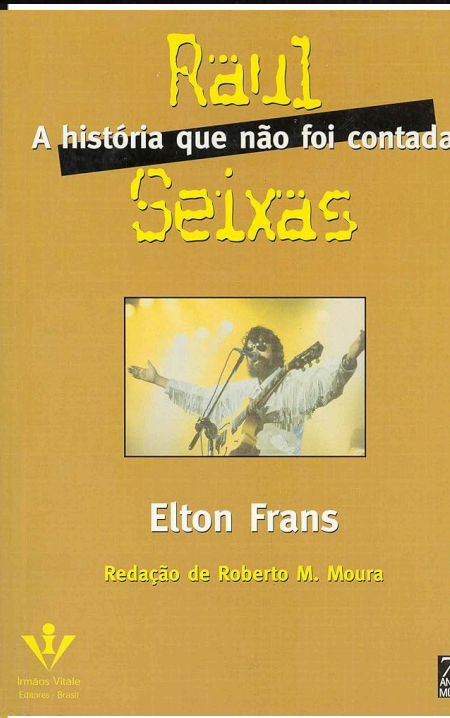

RAUL
SEIXAS
por ele mesmo
MARTIN CLARET

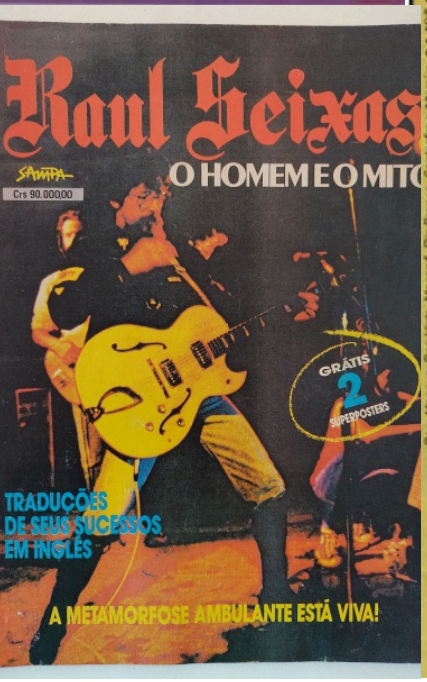

RAUL SEIXAS
A TRAJETÓRIA DE UM ÍDOLO
6.50
THILDO GAMA
PEN

R$ 3,00
Raul Seixas
A FÚRIA DA POLÍCIA CONTRA O MALUCO BELEZA
EDIÇÃO ESPECIAL
SURPRESA NO EXÍLIO: UM ENCONTRO SECRETO COM JOHN LENNON.
A PASSEATA DO OURO DE TOLO!
TODOS OS DISCOS, FAIXA POR FAIXA.
SUPER POSTER GIGANTE 1.10 x 0.80 m


LIVRO-CLIPPING
RAUL SEIXAS
por ele mesmo
MARTIN CLARET


Raul Seixas
especial Volume 2
Edição Revisada Cr$ 150,00
Músicas cifradas para violão e guitarra.


Raul
A história que não foi contada
Seixas
Elton Frans
Redação de Roberto M. Moura
Irmãos Vitale


Raul Seixas
O HOMEM E O MITO
Cr$ 90.000,00
GRÁTIS 2 SUPERPOSTERS
TRADUÇÕES DE SEUS SUCESSOS EM INGLÊS
A METAMORFOSE AMBULANTE ESTÁ VIVA!

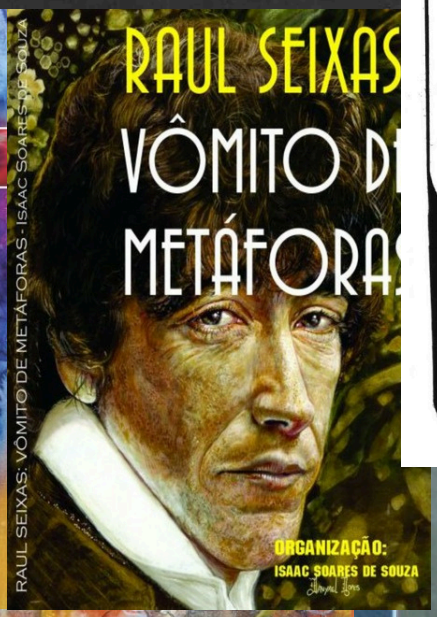
CONTA RAUL!
Organizadores:
Aline Brito
Camila Brito dos Santos
Jorge Marques

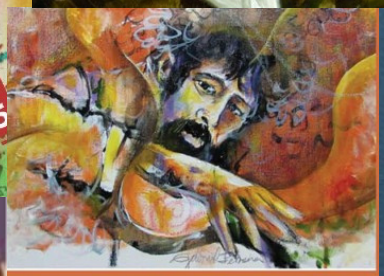
RAUL
Músicas cifra
MALUCO BEL
ROCK DAS "AF
SOCIEDADE ALT
MOSCA NA SOP
EU NASCI HÁ DEZ
METAMORFOSE AM
TENTE OUTRA VEZ
AL CAPONE
ídolos do ROCK
Edição 20 • Código 3736/1 • R$ 2,50
Raul Seixas
SE O RÁDIO NÃO TOCA • ORANGE JUICE
LOVE IS MAGICK • HOW COULD I KNOW
MORNING TRAIN • FAÇA, FUCE, FORCE
BLUE MOON OF KENTUCKY • CHECK UP
LET ME SING, LET ME SING • ROCKIXE
FOOL'S GOLD
WHITE WINGS
É FIM DE MÊS
LUCIANE ALVES
RAUL SEIXAS
O SONHO DA SOCIEDADE ALTERNATIVA
MARTIN CLARET
Raul Seixas
UMA ANTOLOGIA
SYLVIO PASSOS & TONINHO BUDA
MARTIN CLARET
RAUL SEIXAS
SOARES DE SOUZA
RAUL SEIXAS
O TREM DAS SETE

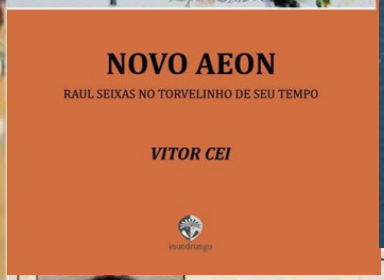
" ELVIS ROCK CLUB "
Salvador - Bahia
Nome: RAUL SANTOS SEIXAS N.º 9
Idade: 16 ANOS Nasc. 28/6/44
Endereço: RUA RIO ITAPICURU, Nº 17

A FUNDAÇÃO DE RAUL SEIXAS
KRIG-HA
RAUL SEIXAS and PAULO COELHO
DESIGN ADALGISA RIOS
ESCRITÓRIO:
EMITENTE
TÍTULO:
DATA:
Q. PÁG.:

WHATS
Com Raul Seixas
e outros papos
Hermélio Silva
E. O. S. Editora
2ª Edição 2025


RAUL SEIXAS
VÔMITO DE METÁFORAS
RAUL SEIXAS: VÔMITO DE METÁFORAS - ISAAC SOARES DE SOUZA
ORGANIZAÇÃO:
ISAAC SOARES DE SOUZA

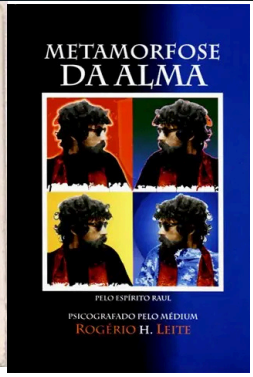


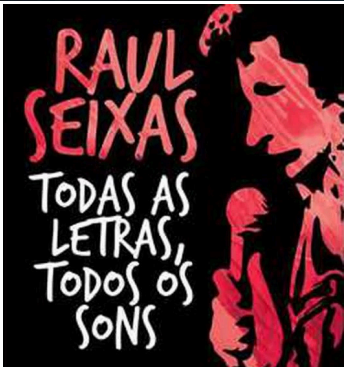

NOVO AEON
RAUL SEIXAS NO TORVELINHO DE SEU TEMPO
VITOR CEI

RAUL SEIXAS
Imprimatur
Sociedade Alternativa
AS AVENTURAS DE RAUL SEIXAS NA CIDADE DE THOR
SHOGUN ARTE

ESPECIAL
RAUL SEIXAS
O GURU DA SOCIEDADE ALTERNATIVA

RAUL SEIXAS
oficial fã clube
RAUL ROCK CLUB
São Paulo
PROTAGONISTA
NOME RAUL SANTOS SEIXAS
EMISSÃO 05/ABRIL/83
IDADE 37
RRC - SYLVIO PASSOS


METAMORFOSE DA ALMA
PELO ESPÍRITO RAUL
PSICOGRAFADO PELO MÉDIUM
ROGÉRIO H. LEITE


RAUL SEIXAS
TODAS AS LETRAS, TODOS OS SONS

METAMORFOSE AMBULANTE

DE RAUL SEIXAS

Ana Paula Marques

Antes de iniciar a sua carreira musical na década de 1960, o cantor, compositor, multi-instrumentista e produtor musical baiano Raul Seixas, leu muito sobre filosofia, algo que influenciou de maneira significativa as ideias que colocou nas letras de suas músicas.

Em 1973, foi considerado um novo fenômeno da música brasileira, onde fez muito sucesso com as canções “Ouro de Tolo”, “Metamorfose Ambulante” e “Al Capone”.

Na canção “Metamorfose Ambulante”, Raul tocou os seguintes instrumentos: o violão de cordas de aço, a viola de 12 e no final, o solo de guitarra. Outra curiosidade é que o verso “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...” foi rabiscado na parede do quarto de Raul quando ele tinha 12 anos de idade.

Essa música foi considerada uma das mais emblemáticas do cantor, com uma profunda reflexão sobre a importância de se adaptar às mudanças da vida e celebrar a liberdade de questionar as verdades absolutas. Outrossim, foi escolhida pela Revista Rolling Stone Brasil como uma das 100 Maiores Músicas Brasileiras de Todos os Tempos, mas não teve o ano definido pela revista.

Raul Seixas. Foto: Divulgação

Ana Paula Marques é natural de Fortaleza – CE. Graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. Pós-Graduada em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, Educação Inclusiva, Braille, Deficiência Visual e Tecnologia Assistiva. Professora da Educação Especial com atuação na Deficiência Visual (Braille, Matemática e Sorobã) e Informática Educativa. É poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA), do grupo de poetisas Mulheres Poesis, do Clube de Amassadores e do Clube dos Poetas Cearenses. Escritora participante do livro Educação em Revista, das antologias A Felicidade Pós-Moderna, Poetas Nordestinos Vol.1, Vida em Poesia e da Coletânea: Pão de Letras na Terra da Luz. Publicou a poesia “Paratletas” na Revista Pontinhos do Concurso Literário, realizado em julho (2024) pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 2º lugar - 2024, 1º lugar - 2023 e o 4º lugar - 2022 no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores (UBT) e da Academia de Letras Juvenal Galeno (ALJUG).

Sábado
Dia 9 de agosto de 2025, às 10h

PARTICIPAÇÃO:

Jorge Mello

Alberto Perdigão

Evaldo Lima

Gildemar Pontes

Caio Quinderé

BELCHIOR
Para amar e mudar as coisas

Roda de conversa na ADUFC

ORGANIZAÇÃO:
Nonato Nogueira

Apoio:

ADUFC SINDICATO

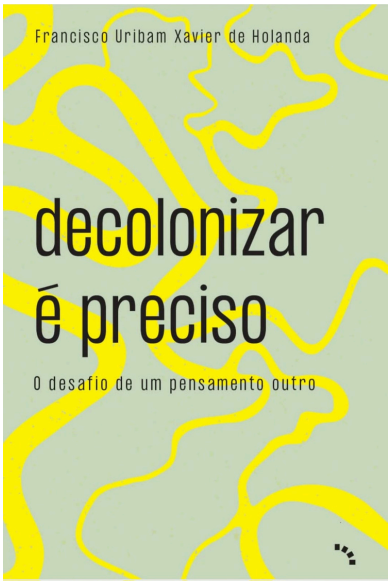
ACT 2024 ACADEMIA CEARENSE DE TEATRO

Realização:

Revista Sarau

O LIVRO DOS POETAS CEARENSES

Av. da Universidade, 2346- Benfica - Fortaleza



Este livro foi pensado e escrito para ser uma apresentação sistemática e acessível aos principais aspectos do pensamento decolonial, alguns de seus conceitos e as suas diferenças em relação a outras matrizes de pensamento que refletem sobre o pós-colonial ou sobre a subalternidade.

Na luta contra a colonialidade do poder, do saber e do Ser, este livro intenciona despertar o interesse dos leitores para o pensamento decolonial, oferecendo uma porta de entrada ao tema.

Não é apenas uma análise crítica, mas um chamado à ação. É uma obra que inspira a reimaginar e a reconstruir nossa realidade, pautada no respeito, na justiça e na dignidade para todos os povos e culturas.

Uribam Xavier vai tateando um mapa para navegarmos os desafios contemporâneos, guiados pela luz da decolonialidade e pela esperança de um futuro mais inclusivo e equânime.

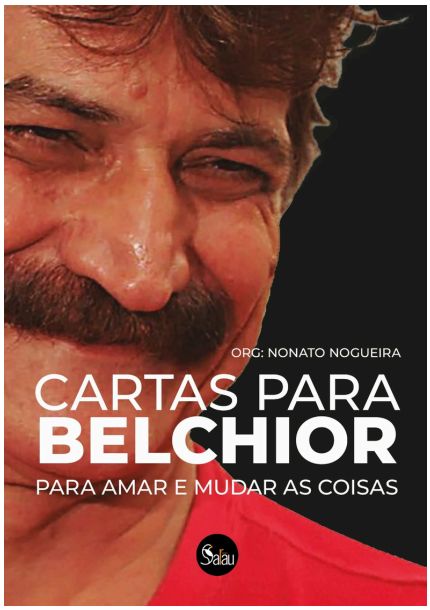
Acesse: https://bambualeditora.com.br/p/decolonizar-e-preciso/

APOIO Cultural

PONTO DE CULTURA DO CEARÁ

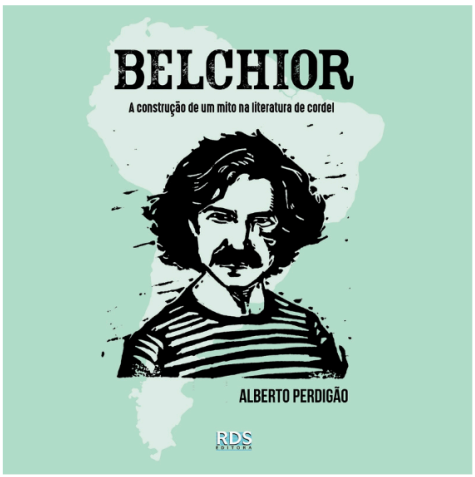
www.amisticadosencantados.com.br

Rua Angustura,13- Santa Cruz da Serra
Duque de Caxias - RJ
Direção: Professor Adriano Souza
(21) 991525589



CARTAS PARA BELCHIOR
Adquira seu exemplar
Contato:
(85) 988794891

Um sucesso de público e de crítica que vai emocionar você também.

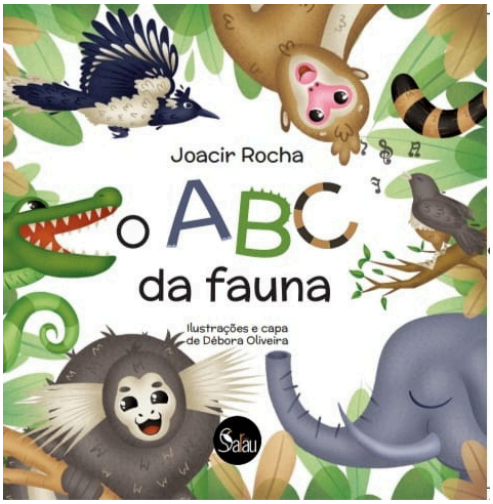


O livro Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel, do jornalista e pesquisador Alberto Perdigão, mostra, pela primeira vez, o que há de mais picante, impactante e surpreendente nas biografias do artista publicadas em livros e em folhetos da literatura de cordel.

Adquira seu exemplar autografado direto com o autor pelo fonezap

(85) 99989-8639.

O HOMEM QUE MORAVA DENTRO DE SI
Contos que narram a vida de um poeta que montou um escritório na Praça do Ferreira em Fortaleza.
Adquira seu exemplar
Contato:
(85) 988794891



O ABC DA FAUNA

Um livro de Joacir Rocha, onde a criança aprende cantando e brincando.

Adquira seu exemplar
Contato:
(85) 988794891

PRÓXIMA EDIÇÃO

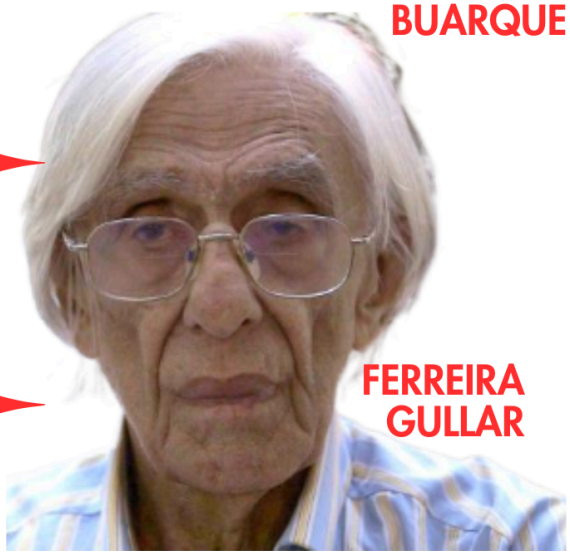
Revista Sarau

Volume 5 . Número 16 . Setembro / Outubro de 2025

POESIAS . CONTOS
CRÔNICAS
ARTES VISUAIS
MÚSICA

CHICO BUARQUE

FRANCISCA CLOTILDE



FERREIRA GULLAR

ISSN: 2965-6192